

Referências bibliográficas

- AMANAJÁS, Igor de Almeida. Drag queen: um percurso histórico pela arte dos atores transformistas. São Paulo. **Revista Belas Artes**, Ano 7, n.19, set-dez 2015. Disponível em: <<http://www.belasartes.br/revistabelasartes/downloads/artigos/16/drag-queen-um-percurso-historico-pela-artedos-atores-transformistas.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2017.
- BARNARD, Malcolm. **Moda e comunicação**. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. São Paulo: Difel, 1975.
- BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BERTHOLD, Margot. **História mundial do teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- BERTOLOZZI, Remom Matheus. A arte transformista brasileira: rotas para uma genealogia decolonial. **Quaderns de Psicologia**, v. 17, n. 3. 2015, p. 123-134. Disponível em: <<http://www.quadernsdepsicologia.cat/article/view/v17-n3-bortolozzi>> Acesso em: 20 dez. 2017
- BRANDES, Uta. From here to there: maleness as a fluctuating gender. In: **Material Men: masculinity, sexuality, style**. Nova York: Henry Abrams, 2000. P. 138-143.
- BUCKLEY, Cheryl. Made in patriarchy: toward a feminist analysis of women and design. **Design Issues**, vol. 3, n. 2, p. 3-14, 1986. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1511480>> Acesso em: 19 abr. 2016.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- CASTILHO, Káthia. **Moda e linguagem**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2004.
- CHIDIAC, Maria Teresa Vargas e OLTRAMARI, Leandro Castro. Ser e estar *drag queen*: um estudo sobre a configuração da identidade queer. **Estudos de psicologia**, vol. 9, n. 3, p. 471-478. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/261/26190309/>> Acesso em: 22 nov. 2017.
- COSTA, Jurandir Freire. O referente da identidade homossexual. In: PARKER, Richard e BARBOSA, Regina Maria (Orgs.). **Sexualidades Brasileiras**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará; ABIA; IMS/UERJ, 1996. p.63-89.
- COUTINHO, Fernanda Ribeiro. **Navalha da Carne. Estéticas de resistência: tumultuam, subvertem ainda fazem gênero** / COUTINHO, Fernanda Ribeiro; orientadora: PORTINARI, Denise Berruezo. – 2016. 224f. Tese (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. O império dos sentidos: sensibilidade, sensualidade e sexualidade na cultura ocidental moderna. In: HEILBORN, Maria Luiza

- (Org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p. 21-30.
- FIGUEIREDO, Luís Cláudio M. e SANTI, Pedro Luiz Ribeiro. **Psicologia, uma (nova) introdução: uma visão histórica da psicologia como ciência**. São Paulo: EDUC, 2008.
- FORTY, Adrian. **Objeto de desejo**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- _____. Masculino, feminino ou neutro? In: **Arte & Ensaio**, Escola de Belas Artes, UFRJ. Rio de Janeiro, 2008. p. 134-143. Disponível em: <http://www.ppgav.eba.ufrj.br/wpcontent/uploads/2012/01/ae16_Adrian_Forty.pdf> Acesso em: 25 ago. 2015.
- FOSTER, Hal. Design e crime. Tradução: Tina Montenegro. In: **ARS**, v. 9, n. 18, p. 48-59. São Paulo, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- _____. **Microfísica do poder**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- GREEN, James Naylor. **Além do carnaval**. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HEILBORN, Maria Luiza. Gênero e hierarquia: a costela de Adão revisitada. **Estudos Feministas**, v. 1, n. 1. 1993, p. 50-82.
- KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa (Org.). **Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e a teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MEAD, Margaret. 1999. **Sexo e Temperamento**. São Paulo: Editora Perspectiva.
- MISSE, Michel. **O estigma do passivo sexual: um símbolo de estigma no discurso cotidiano**. Rio de Janeiro: Booklink: NECVU/IFICS/UFRJ: LeMetro/IFICS/UFRJ, 2007.
- NUCCI, Marina Fisher. **Hormônios pré-natais e a ideia do sexo cerebral: uma análise das pesquisas biomédicas sobre gênero e sexualidade**. 2010. 104 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social. Disponível em: <http://www.btdt.uerj.br/tde_arquivos/44/TDE-2010-09-02T083950Z878/Publico/NUCCI,%20Marina.pdf> Acesso em: 27 abr. 2016.
- PORTINARI, Denise. A Noção de imaginário e o campo do design. In: **Formas do Design: por uma metodologia interdisciplinar**. Rio de Janeiro: 2AB, 1999. P.77-103
- REIS, Toni e EGGERT, Edla. Ideologia de Gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. **Educação e Sociedade**, v. 38, n. 138, p. 9-26. Campinas: Cedes, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v38n138/1678-4626-es-38-138-00009.pdf>>. Acesso em: 20 de nov. de 2017.
- RODRIGUES, Carla. Performance, gênero, linguagem e alteridade: J. Butler leitora de J. Derrida. In: **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 10, abr./2012, p. 140-164. Rio de Janeiro, 2012.

SANTOS, Joseylson Fagner dos. **Femininos de montar** – uma etnografia sobre experiências de gênero entre drag queens / Joseylson Fagner dos Santos. – 2012. 237 fl. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Natal, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/12277>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SOUZA, Vanessa Karla Mota. Individualismo e cultura. In: **CAOS** – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, n. 9, set./2005, p. 61-73. Paraíba, 2005.

7

Anexos

7.1

Transcrição da entrevista com Renato Lima

Talita: O que você faz?

Renato: Na verdade eu acho que, pensando nessa perspectiva da drag, eu sou uma drag um tanto diferente da maioria, não sei também se eu posso me categorizar como diferente. Mas é que eu sou/ o caminho pra mim foi diferente pra construção dessa figura, porque eu sou um ator, que tive uma oportunidade de construir essa figura drag logo em seguida, através de um curso de formação de drag que eu entrei em São Paulo.

T: Curso de formação de drag?

R: Um curso de formação de drag chamado DQC, de um cara de Santos que é o Zé Carlos Gomes, ele começou com o projeto lá há dez anos atrás, pegou um fomento e começou a destilar isso pelos SESC's de São Paulo. Até que chegou no SESC Consolação, eu me inscrevi, entrei/ E lá, o processo de formação/ foram dois meses de curso, dois dias por semana. No final do curso, geralmente ele faz um desfile ou apresentação de qualquer coisa. E com a gente, como tinha uns cinco atores nesse/ que entraram pra fazer o curso, ele falou ah, acho que dá pra gente finalizar com alguma coisa melhorada e também o próprio SESC Consolação ofereceu da gente finalizar o curso com o início de um festival que era o Damas da Noite lá em São Paulo. Então a gente, na finalização do curso, iniciou um cabaré, que é o cabaré que eu faço parte que se chama Cabaré Show Drag.

T: Você começou lá e continuou depois?

R: A Jhenny, que é essa minha figura feminina, ela começou bem antes assim, no meu espetáculo de formação na escola que eu me formei. Foi na ELT, o meu espetáculo de formação na LT era a Ópera do Mendigo, um texto do John Gay e depois o Brecht adaptou pra Ópera dos Três Vinténs e o Chico adaptou pra Ópera

do Malandro aqui no Brasil. E no Chico a Geni é travesti, nos dois textos anteriores ela é mulher. E eu vim com essa figura feminina porque eu não estreei esse espetáculo, na escola livre, então eu meio que tinha essa/ eu saí três semanas antes de estrear o espetáculo de formação na escola. Então foi um caos pra mim, foi um caos pra turma, foi um caos pra todo mundo ((risos)), porque eu não queria estrear ali, eu não queria. Era um projeto que eu não queria, não acreditava naquela turma, não acreditava em mim fazendo aquilo e eu falei/ e a figura era muito potente da Jhenny, eu falei 'não quero estrear agora'. Passaram-se dois anos, apareceu esse curso e lá a Jhenny veio numa figura muito grande.

T: E foi daí que te deu a ideia, de começar a se montar, no teatro?

R: Foi no teatro.

T: Por causa da personagem que você ia interpretar?

R: Foi por causa da Jhenny, a Jhenny é uma figura do texto do J.G.

T: E aí virou sua...

R: Virou minha figura drag, lá ela era mulher, simplesmente mulher. Só que quando/ aí eu peguei essa figura feminina dessa construção e levei pro curso de drag e acabou virando esse exagero todo ((inaudível))

T: Então você fez uma vez, gostou e continuou fazendo?

R: Muito! Sabe por quê? Porque as pessoas geralmente têm parâmetros pra classificar de onde vieram as suas drags né. Minha drag nasceu aqui, minha drag... eu acho até esquisito destituir o que que é a drag e o que que sou eu, porque não são coisas diferentes. Eu também nem gosto desses termos alter-ego, outra personalidade, uma porra, não tem nada disso. A Jhenny, essa figura que eu dei esse nome, é o Renato sendo bicha no último ((ênfase)) volume. Então essa drag sou eu bicha, a bicha que eu sempre quis ser e nunca pude, assim, teoricamente nunca pude ser. Então é bom tá num palco, fazendo essa figura, sendo muito bem pago pra fazer essa figura e é meio que uma forma de purgar essa bicha que eu sempre quis ser e teoricamente não tão aceita, afeminada, cheia de trejeito, exagerada, melodramática, sendo bem quista no palco.

T: Não tive oportunidade de ver a Jhenny se apresentar, ela é exagerada? Como que ela é?

R: A Jhenny é muito... ela é cantora, né, porque o Renato é cantor. Eu venho... minha iniciação artística vem da música. Então quando eu tive a oportunidade de entrar no curso... esse curso, dentro das cenas que a gente montou, as cenas eram

relacionadas... e cê já tá vendo eu quase nada exagerado. Quando a gente foi levar as cenas pra montar o cabaré, era pra gente levar workshops. Os workshops de montagem, o que que era, a gente leva a cena. O diretor propõe um tema, então obviamente eu como cantor/ eu levava coisas relacionadas com a música, então a Jhenny tem uma construção embasada na música, porque dentro da Ópera do Malandro, da Ópera do Mendigo, que foi o texto que eu montei, a Jhenny ela é uma... teoricamente a puta mais inteligente do bordel e ela tem uma ária, que é uma música dentro das óperas, e assim, ela é a única puta que canta na ópera. Então já tinha essa estrutura me puxando pra essa figura ser musicalizada.

T: E o que que te inspira, assim, quando você começou a montar... é sempre a mesma caracterização ou você muda de acordo com o que você vai fazer?

R: Eu mudo de acordo com o projeto, assim, a Jhenny dentro do cabaré ela é uma figura ((pausa)) é que eu não sei bem descrever o que é essa figura. É o Renato, exagerado, dentro do cabaré. E eu tô em outro projeto que chama As Bunytas do Rádio. As Bunytas do Rádio são drags, continua sendo a Jhenny, mas é uma figura diferenciada da Jhenny, porque é um projeto que vem das cantoras do rádio da década de 50 e 60, que aí a gente canta basicamente essas figuras e a caracterização vem um pouco voltada pra isso, então peruca, maquiagem, joias, tudo isso que a gente ((inaudível))

T: Tem bem aquela estética né, de anos 50

R: Tem, eu tenho um topetão, brincão, é isso

T: E o que que te inspira assim, no feminino, por que mulher? Por que dar vazão a isso com uma mulher?

R: Porque de tudo o que eu enxergo na terra, assim, de toda a minha existência, a figura feminina é a coisa mais potente que eu consigo enxergar. Eu não consigo enxergar nada mais... e eu sou um leonino, com lua em áries e com ascendente em capricórnio, então eu, por si só, já sou uma figura muito potente, um ímpeto muito grande, sou muito explosivo e isso/ então na minha perspectiva como artista, eu sempre procuro/ o que me inspira muito, a minha inspiração vem de figuras potentes. E eu penso, o quê que é mais potente na terra que a mulher? Eu não consigo enxergar uma figura mais apropriada que essa, tanto é que todos os meus ídolos são femininos...

T: Por exemplo?

R: É Mariah Carey, Beyoncé, Yolanda Adams, Etta James, Hebe Camargo...

T: Divas!

R: Divas! Porque são mulheres que parece que pra além da sua figura feminina coloquial/ todas elas têm família dessas que eu tô falando, por exemplo, tem mãe, tem filhos, casaram e etc, mas pra além disso elas romperam e conseguiram timbrar nessa figura feminina mais ((pausa)) potente, né

T: E sobre o processo de transformação, como que é? Você tá lá, Renato, no camarim, ou em casa, onde você costuma fazer, o que acontece pra virar Jhenny?

R: É bizarro porque, eu até comecei a me assustar na minha figura de ator/ eu me formei numa escola muito tradicional de São Paulo, na ELT, que é a escola livre de teatro. Que é uma escola que tem uma perspectiva de formação de atores de teatro ((ênfase)), teatro coletivo, teatro de grupo. Então quando entrou essa história da drag, eu fiquei um pouco assustado de ver a dimensão que isso teria que ter na minha vida, porque a drag ela começa a tomar um espaço muito grande da frente do ator. Eu tô de unha pintada, eu tô de sobrancelha feitíssima, eu tô inteiro depilado. Por isso que eu digo que não tem como destituir uma figura da outra. Então depois que eu comecei a fazer muito a drag, devido aos meus projetos todos, começou a não ser só mais o momento da montagem... vou parar agora pra me maquiar... isso toma outras dimensões, precisei ter fidelizado uma manicure, eu precisei ter a gata que ia fazer minha sobrancelha, porque eu fiquei sabendo que a sobrancelha não era qualquer um que podia fazer, então isso começa a ter uma outra dimensão pra além, teoricamente, do momento que eu começo a me maquiar.

T: Então não é só maquiagem? Até passou pra sua vida?

R: Passou pra minha vida e até mesmo porque pra mim... eu não consigo destituir as duas figuras. E também, pra o que eu faço... é uma drag no teatro, então tem uma camada muito maior, é diferente de uma gata da boate. Que ela teoricamente ensaia um número, apresenta e acabou. Pra mim tem todo um projeto, teoricamente maior, de dramaturgia, de ensaio, de construção, porque é teatro o que eu faço, não é só número, né.

T: Não é uma dublagem?

R: Não é uma dublagem, o que também demanda um trabalho, mas é um trabalho diferente, teoricamente do que eu faço. É menor na perspectiva de tempo, porque o meu espetáculo por exemplo tem uma hora e vinte. Um número que você faz na boate tem cinco minutos, dez minutos, então demanda menos tempo, mas não menos trabalho.

T: Até porque a preparação visual é a mesma né? Parece bastante complexo pra quem assiste ((risos))

R: Três, quatro horas de montagem... E até mesmo as gatas da boate elas ainda demandam um tempo maior de montagem porque elas só tem cinco minutos pra arrasar. E pra fazer nome em boate ((estala os dedos)), demora muito pra você fidelizar uma casa, pra entrar numa Blue Space em São Paulo por exemplo, pra fazer show numa Priscilla, que é uma festa super famosa aqui agora... você tem que ser MUITO linda, muito bem produzida, porque rolou um boom né, dessas figuras drags agora.

T: RuPaul, né?

R: RuPaul, e etc, e todos os empoderamentos, toda essa estrutura que a gente sabe, então tem muita gente fazendo. Agora, gente boa fazendo, é uma outra história.

T: Esse curso foi antes ou depois do boom do RuPaul?

R: Foi durante, eu acho. Eu fiz antes de conhecer RuPaul, assim, por exemplo. Porque eu tinha toda essa demanda da Jhenny e eu não sabia o que fazer com isso. Aí eu pesquisando algumas coisas eu vi um anúncio, vi algumas coisas de drag e não era do RuPaul ainda. E eu dei um google assim... drag curso, botei. Aí eu morava na Bela Vista, tipo do lado do SESC Consolação... curso de drag, deixa eu olhar. Quando eu vi era o último dia pra fazer a inscrição. Cheguei lá, não tinha mais vaga, entrei numa fila de desistência, e eu fui a única pessoa da fila de desistência a entrar no curso, então assim, o negócio precisava, sabe

T: Foi destino...

R: Tinha que ir, tinha que acontecer!

T: E o que se ensinava nesse curso? Não sabia que existia, fiquei curiosa agora...

R: O Zé tem esse curso há dez anos. Ele iniciou esse curso em Santos.

T: Então é antes de RuPaul, né, são só nove temporadas...

R: Antes, ele iniciou antes. Ele vem de uma estrutura de uma galera lá do cais do porto de Santos, trabalha com a Renata de Carvalho, que é aquela atriz do musical O Evangelho Segundo Jesus Cristo A Rainha do céu, que recebeu aquela intimação do juiz no SESC Jundiaí, você viu?

T: Qual? Ah, a que tinha Jesus...

R: Isso, ela é uma atriz trans, uma travesti, que faz a peça. Então o Zé Carlos vem desse pessoal aí de Santos. Ela é de Santos, a Renata de Carvalho, o Zé vem dessa estrutura, tem há dez anos esse curso. E ((pausa)) por que eu tô falando isso?

T: Eu tinha ficado curiosa com o que se aprende

R: O Zé, nesse curso de dois meses/ tem vários formatinhos, esse curso/ nesse curso de dois meses tem uma estrutura de construção de personagem mesmo. Então você chega lá, ele vai propor cena, ele vai propor da gente trazer tema/ aí é lógico, a gente aprende a andar de salto alto, aprende a desfilar...

T: Aprende a andar de salto alto?

R: Não aprende, né! Teoricamente em dois meses não dá tempo, porque a gente tem duas vezes por semana. Eu, como já venho da dança, já sou bicha pra caralho há muito tempo, então salto alto eu já ando lá desde a minha mãe lá desde sempre. Mas teoricamente tem isso, tem aula de salto alto, tem aula de passarela, tem aula de maquiagem e tem essa construção dessa figura. Que é pra você sair com a gênese dessa figura construída.

T: Você sai com um norte, assim

R: É, pra mim já foi mais fácil, que eu cheguei com essa figura pronta lá, teoricamente eu já tinha essa figura com nome, já sabia do que que ela queria falar/ do que eu ((ênfase)) queria falar, porque eu acho bizarro terceirizar, eu sempre volto.

T: É, muita gente terceiriza

R: Eu entro nessa camada do que as pessoas falam e ator tem uma tendência de 'não, não é' ((o entrevistado faz gestos que indicam algo se separando do corpo))

T: E você falou rapidamente aqui que salto alto você já sabia, né, já usava desde criança, então tinha isso também? De usar coisas da sua mãe... Tem irmãs também?

R: Eu sou caçula de seis irmãos. E eu me sinto muito privilegiado por ter sido caçula porque teoricamente sobrou mais tempo pra eu poder pesquisar essas coisas, porque enquanto os mais velhos tinham que trabalhar, tinham funções em casa, é óbvio que eu tive isso depois de uma determinada idade. Mas enquanto não, eu pude ser criança, pude aproveitar essas coisas/ é claro que sempre muito sozinho, sempre fiz isso muito sozinho. E as minhas irmãs, por exemplo/ eu tenho duas irmãs e eu tenho quatro primas que moravam do lado de casa, assim. Então eu era meio que o brinquedo delas. Toda elas iam brincar de casinha, eu era o filho. Então penteavam, faziam chuquinha no meu cabelo, botavam batom em mim. Só que elas começaram a parar quando viram que eu tava gostando.

T: Poxa, quando gostou é que parou? ((risos))

R: É. elas viram que eu gostava, que eu botava a camisola da minha mãe e achava incrível, elas falaram hum, não vai dar certo não, vamos tirar, vamos começar a tolhir.

Aí quando elas pararam eu comecei a fazer sozinho. Mas aí fazia escondido, teoricamente escondido.

T: Porque aí não pode?

R: Não pode, porque tá gostando. A graça pra elas era quando fazia meio que emburrado, não gostando.

T: Todo mundo sabe, que você faz drag? Não é segredo?

R: Segredo nenhum. A minha família... eu venho de uma família cristã, evangélica, meu irmão é pastor na Igreja Universal, tenho vários tios que são pastores e eu venho dessa formação cristã. E a minha família ela tem uma estrutura de entender que eu sou ator. Então assim, por exemplo, a minha irmã casou e no casamento dela eu produzi o vestido dela, eu maquiei a minha sobrinha, maquiei a minha mãe, maquiei ela, fiz o cabelo dela. Aí ela chegou “nossa que legal, que maquiagem legal”, “Ah, foi meu irmão que fez”, rola um error 404, sabe. Aí ela fala “não, mas ele é artista”, “Ah:: então tudo bem, então beleza, não é que é veado não, é que é artista’.

T: Elas nem fazem ideia? ((risos))

R: Não, sabem que eu faço/ todas as minhas produções/ semana passada eu tava me apresentando no SESC Araraquara, termino de maquiar eu mando foto. Eu tô de unha pintada, né, gata. Vou lá, minha mãe compra esmalte pra mim, minha sobrinha que pinta.

T: Então tá tranquilo

R: Sempre foi, na verdade, sempre foi, porque... eu acho que essa perspectiva das aceitação sempre tem uma aceitação de como a gente se comporta com isso. Então eu tinha tudo pra ser muito zoado né, pensando de que eu vim, né, deste lugar. Eu venho de uma casa cristã!

T: Verdade, é até surpreendente você contar que tá tudo bem

R: Eu vim **desse** lugar! Ou seja/ como eu me posiciono, com a minha perspectiva profissional e com a minha sexualidade. Então eu sempre entendi isso desde muito cedo, se eles reconhecem que pra mim não é um problema, pra eles também não vai ser. Então, a minha avó, por exemplo, minha avó é falecida, faleceu ano passado, mas ela me comprou uma calcinha uma vez. Minha avó me comprou uma calcinha!

T: Espontaneamente?

R: Espontaneamente, eu cheguei lá, vi uma no varal dela, uma calcinha bonita, cheia de/ minha avó sempre usou uns calçolões assim, de algodão, era lindo, era de cerejinha, era verde com várias cerejinhas, eu falei ‘vó, que calcinha linda!’. Ela falou

“ah, você gostou filho?”, “gostei”. Passou. Voltei na casa dela depois pra tomar um café à tarde, ela tava sentadinha na mesa, tinha um pacotinho do lado dela. Aí ela, “senta aqui filho, vem tomar um café, a vó acabou de fazer um café. Ó, a vó comprou pra você”. Aí peguei o pacotinho, abri, era uma calcinha idêntica à dela. Ela falou “só não te dei a minha porque é muito grande, filho, não cabe em você. A vó usa grandona, você é magrinho, comprar uma menorzinha pra você”. Mas não era porque eu sou veado. “Você usa no teatro, não é, filho?”

T: E usa?

R: Teoricamente eu usei, mas é porque eu entendi que pra eles seria muito mais confortável encarar dessa forma. Tudo bem, Renato é veado? Renato é veado, tá tudo certo. Mas pra além de veado, ele é veado porque ele é ator. Então tudo bem. Entende? Então se isso é mais tranquilo pra eles aceitarem/ eu nunca fui de pensar em me enfiar goela abaixo dos outros, enfiar o meu discurso, enfiar o meu trabalho goela abaixo de ninguém. Tanto é que quando eu entendi a minha perspectiva como drag, eu falei “gente, o que eu faço com isso? O que eu vou fazer com essa figura drag, tem drag pra caralho, tem drag que tá aí há trinta anos trabalhando”. Entendi que essa figura por exemplo não ia funcionar na boate. Porque eu nunca me entendi como artista fazendo arte pra quem é da arte. Eu nunca quis fazer... porque em São Paulo, principalmente em São Paulo, tem uma estrutura muito ensimesmada, o cara do teatro faz pra quem é do teatro/ o cara da dança faz pra quem é da dança, pra quem entende de dança. A gata da música canta pra quem é da música. Eu falei gente, não. Não. Então quando chegou essa figura drag e eu já era ator, eu falei gente eu preciso de arrancar essa figura daqui, trazer essa figura daqui pra minha mãe poder assistir. Pra família poder assistir. Tanto é que os meus espetáculos não tem faixa etária. Qualquer pessoa pode assistir. A última apresentação no SESC Jundiaí, onde rolou aquele bafão todo da Renata, só tinha criança assistindo a peça. Foi incrível!

T: Mas assim, e a questão de terem ido lá censurar?

R: Mas com a gente não, porque são figuras que chegam. Porque eu não sou alguém que estou falando sobre. Eu sou drag, eu sou gay, sou empoderado, me vestindo de mulher. Eu faço, eu não falo sobre. Então o meu trabalho, também, por isso que eu falo que não tem como destituir a minha figura, o personagem, de mim. Porque o meu viés de trabalho tem total relação com a minha postura enquanto pessoa. Porque eu sou, eu não faço. E quando eu tenho total controle e certeza do que eu

sou, automaticamente é bem quisto. Tanto pela família, quanto pelo público. Tanto é que eu tô, teoricamente, há um ano fazendo drag, eu já tô fazendo show na Blue Space, que é um lugar que as gatas de matam.

T: É, é um lugar famoso pra caramba

R: E eu fui **convidado** pra fazer show lá, não foi uma coisa que eu entreguei material. Eu nunca tinha ido na Blue Space, por exemplo.

T: Te viram e te chamaram?

R: Foi a Ikaro Kadoshi, que se apresentou no cabaré com a gente, me viu, adorou, eu adorei ela, faz shows na Blue Space desde sempre e tinha um número lá que eles precisavam de uma drag cantora. Me apresentou, fiz, foi um sucesso e tamos aí.

T: E olha que não falta drag cantora que se apresente na Blue Space, né, provavelmente tem mais de uma. É difícil você entrar, né?

R: É difícil, só que como eu nunca quis entrar, eu só vou fazendo, eu só vou fazendo e com muita segurança do que eu tô fazendo. E eu não tô fazendo só pra você. Eu não tô fazendo só pra você que entende de drag, conhece de drag. Eu tô fazendo pra todo mundo.

T: Entendo mais ou menos ((risos))

R: Você já sabe quem é RuPaul, isso já é coisa pra caramba. ((risos)) Porque eu acredito que a figura feminina, por isso que eu volto lá, de onde vem as minhas inspirações/ a figura feminina, quando ela é potente ela entra onde ela quiser. Ela abre a porta que ela quiser, ela bate o pé na porta que ela quiser, ela vai onde ela **quiser ((enfático))**. Porque a figura da/ no Brasil, principalmente, a gente tem uma padroeira, né, daqui a pouco, feriado, da padroeira do Brasil/ então essa figura feminina, materna e potencializada, ela entra onde ela quiser ((pausadamente)). É isso que eu quero como artista, é isso que eu quero como ator.

T: Agora voltando pra questão de construção, mais prática mesmo, mais física. O que muda no corpo, por exemplo?

R: Eu tive que emagrecer. Eu emagreci, não teoricamente tive que, mas eu sou do circo, faço acrobacia de solo... então eu tinha um corpo mais forte. E nessa montagem com a Jhenny, eu vestia as roupas, eu olhava e tava masculino demais aquela figura. Eu estava com 74kg, hoje eu tenho 61. Então assim, e não foi nem peso, foi toda uma reestruturação. Tipo assim, cerveja eu tô tomando puro malte, não tomo nenhuma outra, porque é trigo, não engorda, não gera barriga e repõe músculo. Alimentação... farinha branca, saiu tudo isso. Então, corpo basicamente foi

isso. Além de emagrecer, aquilo que eu te falei né, unha fica pintada sempre, a depilação tá um horror!

T: ((risos)) Agora você tá de férias!

R: Mas tem um negócio que eu sofri muito, não sei se você viu foto no meu Insta, mas eu tinha bigode. Mas eu me amo de barba. Barba, sobrancelha mais grossa, bigode, unha curta.

T: E por que não deixa? Tem muita gente fazendo drag de barba.

R: Tem, mas não tem relação com o que eu construo, assim. Foi um impasse muito grande. Eu tinha uma campanha pra gravar e nessa campanha eu fui aprovado de bigode. Em seguida gravei, tudo certo, passou a campanha. Aí depois eu comecei o cabaré e mantive a barba, a agência me acionou, falou: “Renato, a gente vai fazer cont da campanha da Orloff, tá de bigode?” Eu falei: “estou”. Aí fechou temporada de cabaré. Puta que pariu, o que que eu faço agora? Porque no cabaré eu não tô de bigode e tinha que gravar. Era uma coisa meio que eu ia começar o cabaré e a campanha vinha só depois. Eu falei “como que eu faço isso de bigode?”. Levei a minha figura de bigode pro ensaio. Eu olhei e falei “Gente, não dá!”

T: Não combinou?

R: Não, porque não tem relação com o que eu falo. Por exemplo, eu tenho uma cena no início, uma entrada toda dramática e eu já viro cantando uma música, já imaginou? A gata vira de bigode?

T: Vira a Mariah Carey de bigode...

R: É! Fica cômico, vai pra um outro lugar, então, isso teve que sair. E a barba pra mim é um negócio que me faz sofrer demais.

T: De ter que tirar?

R: De ter que tirar. Mesmo que não tenha trabalho nem nada disso, eu me gosto de barba.

T: E o resto, sobrancelha, unha, essas coisas? Mesmo de férias está mantendo.

R: Eu tô de férias, mas por exemplo a unha é minha mesmo. Então tem que deixar crescer. Aí pra deixar crescer sem esmalte, prefiro pintar. A sobrancelha fica mais fácil pra maquiar, porque eu escondo a minha né, então quanto menos pelo eu tiver, mais fácil pra esconder essa. Então eu vou mantendo, porque afinal de contas/ pra não ficar torto. Mas a barba é um negócio que dá pra mudar né, e eu sofro, não tem condição. Não tem, é um negócio que eu vou sofrer a vida inteira se tiver que fazer.

T: Quem trabalha com o corpo passa sempre por isso né?

R: Sim, por exemplo, eu depilo com cera, eu faço perna, tranquilo.

T: Depilação só pra apresentar mesmo ou na vida?

R: Eu comecei a me acostumar né, por exemplo, axila já começou a crescer um pelinho mesmo que não tenha apresentação eu tiro. Porque eu começo a entender que ficou legal, aí eu mantenho. Mas a barba... a barba não dá!

T: O corpo tem um formato? Tem que por aqueles enchimentos?

R: Eu não uso absolutamente nada. Eu não uso peito, eu não uso pirelli, que é o que a gente chama os enchimentos. As meninas que trabalham comigo, por exemplo a Thelores e a Mercedes, elas usam muito. A Thelores tem um pirelli que ela comprou desse tamanho ((gesto de grande com as mãos)), veio dos Estados Unidos, que é padrão americano com curvas desse tamanho. A única coisa que eu adapto em mim é o que a gente chama de aquendar, né, esconder o pênis ((fala mais perto do microfone, brincando)), falando em termos mais sérios pro seu trabalho. E eu uso uma cinta, porque por mais magro que eu seja, homem não tem cintura. Por mais magro que eu seja, eu continuo quadrado. Então eu uso uma cintazinha, só pra marcar a cintura. O restante são só roupas.

T: E que tipo de roupa?

R: Ai, a Jhenny ela vai da piranha do body, de perna de fora, até longo, assim. Eu venho dessa dessa inspiração das divas mesmo. Quero ser bonita sempre. Tem drag que já entra num outro campo. Tem drag que já vai pra palhaça, pra exagerada... aí entra o bigode, aí tudo bem ela ter bigode.

T: A própria Ikaro Kadoshi que você mencionou nem sempre, né...

R: A Ikaro por exemplo mal usa peruca! E tem outras que usam barba real. Mas pra mim isso não combina, pra minha figura drag. Então é estar bonita sempre... eu sou leonino né. Ainda que seja palhaço, por exemplo, eu venho também de uma estrutura de palhaço, do circo, tudo é muito engraçado, extremamente exagerado, caricato, leva pra um lugar da comédia. Mas é uma comediante linda. Então toda a caracterização vem disso.

T: Comediante gata, diva de vestido longo...

R: Sempre, linda! Eu tenho uma tendência de ser magro, mas eu tenho pernas bastante torneadas pelo que eu venho de caminhadas, circo, etc. Então mostrando pernas sempre, por mais que seja longo a racha vem até aqui...

T: E cabelos?

R: Peruconas, todas lacefront.

T: Peruca grande?

R: Tudo o que compõe mais ou menos, por exemplo, não dá pra exagerar aqui ((na largura)), vide que eu não uso tanta coisa né. Então as minhas perucas são grandes mas não são cacheadas, porque tem muito volume, eu tenho uma black também sem volume... Mas tudo estruturado pra essa figura mulher, porque por mais que eu seja drag, eu quero que enxerguem uma mulher, não quero que enxerguem uma outra coisa. Tipo, é um homem vestido de mulher, todo mundo sabe que é um homem vestido de mulher. Mas eu quero que enxerguem mulher, entende?

T: Sapato também, saltão?

R: Sim, salto 15, 20. Eu tenho 1,69. Pra aparecer no palco eu tenho que dar ((inaudível)) em tudo, então eu já boto um salto 20, que já fica né...joga pra 1,90.

T: 20! Muito difícil andar? Acho que eu não consigo...

R: Pra mim é mais fácil andar de salto que andar de tênis na rua, de chinelo. Eu tropeço mais descalço que de salto alto. Porque é tudo o sonho das bichas! Porque isso, eu te falo, toda bicha quer usar as coisas de mulher. Tô falando de bicha afeminada igual eu, tem as que não quer, tô falando de bicha afeminada. Toda bicha afeminada quer ter cabelo, quer botar uma peruca, quer andar de salto alto. Porque a gente não quer ser, mas a figura feminina é tão linda, é tão maravilhosa, que a gente quer ser igual a elas. Tanto é que na escola eu só tinha amiga mulher, na faculdade era só amiga mulher, a maioria das minhas amigas hoje que eu tô mais envolvido no meio/ é veado, é mulher. Entende? Então a gente sempre se aproxima da figura feminina e vai treinando esses objetos, esses utensílios do que deveria ser feminino né. Por exemplo, você não anda de salto e eu ando! E as gata fica horrorizada ((alongado)) quando me vê andando. “Como assim você anda de salto melhor que eu!?” Mas não usa porque não demanda, eu tenho essa demanda do meu trabalho. Claro que se me der um salto vou ali até na padaria belíssima.

T: De noite, o Renato mesmo, sem ser Jhenny, você coloca às vezes?

R: Não, eu não me monto, porque dá muito trabalho. Eu não vou parar três horas pra me montar só pra ir ali dançar. Saio do jeito que estou aqui mesmo.

7.2

Transcrição da entrevista com Gengiscan Pereira

Talita: Me conta um pouco sobre o que você faz, seu trabalho com drag

Gengiscan: Eu faço drag há 1 ano e 9 meses. E comecei a trabalhar (lê-se trabalhar: ganhar dinheiro) com drag logo que comecei, pois já tinha a intenção de levar drag como um trabalho, pois faço faculdade de teatro e sempre enxerguei como uma outra forma de eu fazer teatro. Seja mais específica, por favor, pq falar sobre o que eu faço é mt abrangente kkkkkkk

T: Tudo bem haha... Como é a performance que você faz? É musical, tem cena, ou é lipsync?

G: Depende do quê, onde é, e qual a finalidade. A maioria esmagadora que eu faço é em baladas e são performances de músicas de musicais. Eu dublo elas. Não tem fala, só dublagem. No teatro, eu posso explorar a fala e outros instrumentos cênicos que a balada não permite.

T: E como você diria que é a Abigail, em termos de personalidade na performance?

G: A Abigail é uma atriz. Ela vai se moldar como a performance precisar.

T: Mas ela é sempre mulher?

G: o que você define em ser sempre mulher?

T: Se o personagem que você faz quando performa em drag é normalmente uma representação feminino... pq tem drag que não representa um gênero específico, não?

G: Ok, vamos lá: eu considero que feminino e masculinos são linguagens. pra construir a abigail, eu uso de artificios que pertencem socialmente à linguagem do feminino. Agora se ela é uma mulher, não é uma questão que eu me preocupo. Acho que o "ser mulher" é algo muito mais complexo, que eu não tenho experiência nenhuma para dizer o que é, e que não cabe na minha personagem. A Abigail existe. Os rótulos quem coloca são os outros.

T: Entendi! E vc tem referências, inspirações? Poe exemplo cantoras, personagens, artistas

G: Milhões! Drag é o liquidificador de referências. Eu amo as atrizes da hollywood antiga, assim como as vedetes do teatro brasileiro, as damas do teatro, cinema e da tv. Mas eu também me inspiro em Club Kids, que são tipos de drag que não tem

absolutamente nada a ver com o que eu faço, mas que eu acho impressionante. Eu estou sempre me alimentando de referências.

T: Algum nome que vem à cabeça primeiro?

G: Bibi Ferreira. Sempre. É por causa dela que me chamo Abigail.

T: E o Foster?

G: Também outra grande inspiração: Sutton Foster, duas atrizes que amo e admiro muito

T: Fisicamente, o que muda em você quando a montagem acontece?

G: Antes meu corpo tá bem, durante e depois ele tá morrendo de dor. Brincadeira. O salto alto muda muito a postura, eu também coloco (dependendo da roupa) enchimento de quadril, cinta, três ou quatro (ou cinco ou seis) meia-calças, sutiã, etc.

T: Nossa! Por que tanta meia-calça?

G: 2 motivos: 1 pra esconder os pelos das minhas pernas e para dar ao enchimento um ar mais "natural"

T: E os enchimentos são pra ficar com aquele corpo bem curvilíneo? Bundão, peitão?

G: Não! É pra ficar com o corpo da marilyn monroe hahaha. Não é nada exagerado, mas é só pra modificar meu corpo. Eu acredito que drag é transformação: transformar o seu corpo em outro.

T: E o seu corpo acaba se transformando no dia a dia também ou as modificações são todas temporárias? Por exemplo unhas, sobrancelhas...

G: Temporárias. Abigail é uma máscara que eu visto e tiro quando quiser. Um exemplo disso é que fiz uma ação promocional em um shopping aqui da minha cidade, de Abigail, quatro dias seguidos. Todos os vendedores acabaram me conhecendo e adorando meu trabalho, me adicionaram no perfil da abigail no facebook, etc. E quando fui com meu namorado no shopping uma semana depois: nada. Somente uma mulher reconheceu, pois eu tinha citado um produto que fiz uma piada sobre. De resto, ninguém reconheceu. Admito que foi uma sensação boa.

T: O pessoal da sua cidade sabe que você faz?

G: Sabem sim, não escondo de ninguém. Família, amigos e conhecidos sabem

T: E é tranquilo?

G: hoje em dia sim, no começo não. Foi bem difícil, até eu fazer com que minha família entendesse que é um trabalho, como qualquer outro personagem que faço. Acho que o teatro ajudou a elas e eles entenderem.

T: Se não for desconfortável pra você falar sobre isso: qual era o problema pra eles?

G: Desconforto nenhum, posso falar sim. Pra mim, era a ignorância, ignorância na raiz da palavra: o desconhecido. Minha mãe chegou a me perguntar se eu me prostituía. Meu pai achava que eu era travesti. Acho que era metade ignorância e metade medo. Não está fácil ser LGBT nesse país. E ser drag é o auge da viadagem! é o completo oposto da discricção. É gritar aos quatro cantos o quão você é orgulhoso de ser o que você é. E isso incomoda muita gente. Uma drag incomoda muita gente.. Duas drags incomodam muito mais... E todas juntas vão virar esse país de cabeça pra baixo.

T: Tomara!

G: Hahahah

T: Voltando pra questão mais material... Vc comentou que coloca salto e tal. Começou a usar essas coisas pra Abigail ou já sabia ficar em pé em um salto, sabia fazer maquiagem?

G: Eu não sei ficar de pé num salto até hoje, menina. Maquiagem eu sempre gostei, mas fui aprendendo com tutoriais na internet, pra criar a Abigail

Nesse momento, encerra-se a entrevista.

7.3

Transcrição da entrevista com Gabriel Sanches e Alessandro Brandão

Talita: Se vocês puderem me contar como que começou isso de fazer drag, de montagem...

Gabriel: Olha, da minha parte eu desde criança, desde muito pequeno as coisas tradicionalmente consideradas femininas ou do universo feminino, que é maquiagem, sapato alto, saia, roupas coloridas, cores fortes, vivas. Tudo o que representa, né, geralmente alegria, ou representa sensualidade tá muito relacionado ao universo feminino. E muito novinho sempre me interessou tudo isso, assim, digo inclusive pelos filmes, sabe? Quando você começa a assistir os filmes, os filmes que me interessavam eram os que tinham mulheres lindas, deslumbrantes, estonteantes, vestidos, aí desde pequenininho os meus desenhos eram sempre de mulheres e vestidos. Eu ficava desenhando mulheres e vestidos, vestidos, vestidos. Aí minha tia dizia que eu ia ser estilista e pendurava as coisas, os desenhos. Aí brincava, quando a gente ia brincar de, sei lá, a gente chamava de historinha. Cada um escolhia um personagem e a gente criava as histórias a partir daquele personagem que nós éramos. Muitas vezes eu escolhia personagens femininos, já cansei de brincar de pequena sereia na piscina, então assim, sempre fui muito seduzido, sabe, pelo universo feminino nesse aspecto que eu tô chamando de aspecto tradicional ou mais imediato, né. E aí acho que o fato de rolar uma polarização, nós somos seres polarizados né, recebemos uma educação muito polarizada, de privilegiar o intelecto e não o corpo, de privilegiar aspectos X e não Y, de segregar gêneros e tudo, tudo é segregando. E aí você começa a aprender que não é legal aquilo que você está fazendo, que a forma como você se interessa pelo universo feminino não é legal, não é bacana. E aí você começa a se reprimir na verdade, a reprimir os seus desejos por aquilo tudo que você acha lindo, porque você começa a receber olhares tortos, porque você recebe palmada, porque você é excluído na escola, por essas coisas todas. E aí quando eu estava mais velho, a gente ((ele e Alessandro)) já tinha se conhecido e já tava trabalhando junto, a gente começou a falar muito sobre essas questões desse lugar de repressão, de inibir instintos, de inibir desejos que a gente sente. E eu como homem comecei a falar, poxa vida, como seria não ter essas travas todas do gênero? Por que a gente se fecha tanto numa necessidade de pertencer a

um conceito de gênero? Aí a gente foi se enveredando por essas pesquisas, lá na época, de instinto e doutrinação, né, e um tempo depois a gente se mudou pra uma casa aqui em Santa Teresa também, que tinha uma estilista. Óbvio que como artista e como ator eu sempre tive que desenvolver... eu passei a abrir de novo os espaços em mim de libertação, né, voltei a fazer essa abertura. Mas aí quando a gente foi morar na Lenny, especificamente relacionado a roupas e à moda, a sapatos e coisas assim a coisa foi aflorando. Tanto que meu primeiro sapato de salto eu comprei depois que a gente já morava nessa casa, eu fiz uma viagem com a Lenny pra Salvador, a gente tava lá na baixa do sapateiro, sei lá onde a gente tava, na Sete de Setembro em Salvador. A gente desceu de um ônibus de cara pra uma loja que tinha um sapato de salto preto muito alto. Eu falei Lenny, pera, deixa eu ver se tem meu número? Entrei, perguntei, tinha, coube eu falei vou comprar. E tava na promoção, custou uns cinquenta reais. Eu fiquei enlouquecido, meu Deus, vou comprar meu primeiro sapato. E aí comprei, isso foi tipo em 2014.

T: Comprou sem nenhuma intenção de montar look? Só porque realmente era um sapato lindo?

G: A gente já tinha comprado sapato pra peça, pra outras coisas. Nesse caso foi porque eu falei aí que sapato lindo, preciso ter esse sapato. Abri em mim a possibilidade de querer ter um sapato, entende? Independente do que era o que eu ia fazer, tinha mais a ver com ter um sapato de salto. Queria ter aquele sapato, vestir, queria usar aquele sapato em algum momento, de alguma forma. E aí atrelado a isso eu tinha tido um sonho lá para 2010, bem anterior né, que eu tinha vivido uma experiência profissional, um convite para modelar, né, para fotografar uma campanha de moda de uma grife. E aí o meu sonho eu já caminhava pela cidade e tinha minha foto estampada nos outdoors, só que não era eu, eu Gabriel, era eu uma persona feminina. E no sonho era tipo, Sara Bemdeu para Calvin Klein, alguma coisa assim. Bemdeu veio porque eu conhecia uma menina na época e ela tinha um nome parecido com esse, acho que era Bendel. E no sonho acho que eu projetei isso de alguma forma, e o Bemdeu, fica uma coisa... Aí ficou Sara Bemdeu. E aí quando a Lenny virou pra gente e falou aí, queria fazer um ensaio, a gente começou na verdade a brincar muito na casa dela antes de fazer o ensaio. Tipo, pegava uma roupa dela, pegava uma peruca do acervo que tinha, aí começava a fazer umas coisas. O Alessandro já tinha muito mais experiência com maquiagem e aí de vez quando ele se maquiava aí vinha pra jantar com a gente e tava montado, e aí eu me montava...

Alessandro: Com a vida do teatro, eu sempre carreguei comigo um acervo de coisas que o teatro me deu, então eu tinha muita roupa... e no teatro eu já fiz muito personagem feminino, então tem muita roupa de mulher também, e a gente usava isso nessas brincadeiras né. A gente às vezes descia num aniversário montados, eu lembro de um ano novo que eu descia de Marilyn Monroe ((risos)) e fiquei cantando lá pra eles.

G: Aí tem vários dias assim, aí um dia na piscina né, desce com uma peruca vermelha e aquele shortinho com rabinho... montações assim, montações muito descompromissadas no sentido da perfeição estética, mas comprimissadas com o entretenimento, com o botar pra fora, com a liberdade de se expressar...

A: Com a desconstrução também...

G: É, e aí a Lenny foi se apaixonando por essas figuras femininas que a gente ia propondo nos jantares, nas festinhas né. E aí ela disse ai, vamo fazer um ensaio com vocês montadas? E a gente falou vamo. E aí foi a primeira vez que a gente se montou juntas, com afinco.

A: Que a gente fez um trabalho mais...

G: De pesquisa mesmo, com a maquiagem, pensamos como que vai ser essa maquiagem, como que a gente vai fazer?

T: Vocês nunca tinham feito antes?

G: Não assim, não conjuntamente.

A: Ela fez esse convite pra gente por toda a convivência que a gente tinha antes, ela tinha falado tenho muita vontade de ter vocês travestidos fazendo as minhas fotos. E aí a gente topou a ideia, e foi uma semana que a gente se preocupou, a gente arrumou sapato, foi no Saara comprar coisas, a gente investiu em perucas, a gente melhorou, já tinha muita maquiagem lá em casa, mas a gente foi comprar coisas específicas pra fazer aquilo... aí sim a gente focou naquele lugar.

G: Acho que verticalizou a experiência né, e aí também uma coisa que aconteceu muito, foi uma época que eu tava fazendo... Eu tava me formando ainda na faculdade de letras e aí ((o celular de Gabriel toca e ele pausa a fala para desligar)) o Alessandro tava viajando muito na época e eu fazendo faculdade, final de faculdade quando você já tá meio deprê, ai não aguento mais faculdade, e aí você também quer fazer um projeto seguinte, mas é difícil, faculdade é foda, chega uma hora que você tá exaurido. Principalmente essa que não era minha escolha de vida, era mais uma coisa pra agregar coisas ao meu projeto de vida, então eu tava exaurido. E aí

começa um processo de ter que procurar coisas né. Aí achei, na época no Netflix as primeiras quatro temporadas de Rupaul's Drag Race. Ou seis? Acho que já tinha. Aí eu fiz uma imersão de seis temporadas, assim, sei lá quantas horas tem isso. Sabe quando você tá com o olho já doendo de sono e desespero, mas você não consegue parar. Era desesperador. Então também tem isso, assim, fiz essa imersão, comecei a assistir todos os tutoriais, de todas elas, e de maquiagem, de tudo, você começa a pesquisar como fazer né, assim, coisas específicas.

A: Tem uma coisa assim, você perguntou se nós éramos atores né, eu só experimentei a potência de fazer a minha drag quando eu desvinculei ela totalmente do teatro. Porque no teatro eu já tinha feito muitas personagens femininas, mas eram personagens femininas. A drag tá num outro lugar. E quando a gente fez esse primeiro ensaio fotográfico, ali eu senti a força que elas tinham. Que na verdade, a força é nossa né, é o nosso discurso. Como a gente consegue falar sobre todas essas nossas questões através dessa expressão, mas ela não é uma personagem teatral.

G: Ela não é nem uma personagem, ela se torna uma personagem se você coloca ela em determinado contexto dramático ou dramático, mas é mais uma persona.

A: É um outro... Não outro, mas é um segmento meu, entendeu?

G: É uma forma de expressão, eu acho.

A: Tanto é que a gente tá fazendo esse trabalho agora na novela, ali sim eu faço uma personagem, porque tem uma pessoa que escreve pra mim aquelas falas, tem uma pessoa que pensa como ela vai se comportar. Tanto é que tem horas que eu vejo e falo nossa, eu não faria isso. Aí paro, penso e falo não, mas é a personagem. É num outro lugar.

T: É mais difícil de fazer isso porque você tem a sua drag e a personagem na novela?

A: Olha, no início foi mais conflituoso. Aí chegou um dia que eu falei não, vou desvincular completamente, eu preciso desvincular uma coisa da outra. Tanto é que a gente até não junta um trabalho no outro, entendeu? Novela é um trabalho do Alessandro e do Gabriel, Sara e Nina é outro trabalho. Foi importante pra mim, fazer essa separação. É claro que a Nina ajudou e muito fazer a Rouge, que é a personagem da novela né, porque foi meu laboratório. Então quando eu cheguei lá pra fazer a Rouge, já tinha o esboço pra fazer né.

T: Você comentou que já tinha feito personagens femininas no teatro, fiquei curiosa, por que um homem fazendo o papel feminino? Tinha algum motivo específico?

A: Olha, tem algumas peças escritas para serem feitas assim. Um dos personagens femininos que eu fiz que foi mais legal foi a Madame da peça As Criadas de Jean Genet, que é um texto que conta sobre um assassinato, são três mulheres, uma madame e suas duas criadas e ele coloca na especificação que tem que ser um homem o intérprete dessa mulher. E como o Gabriel falou, quando eu entrei no teatro lá no final dos anos 80, o que me movia mais artisticamente eram as mulheres. Se você me perguntar qual é o meu cantor preferido eu não vou saber de falar. Mas se for a cantora preferida eu tenho uma lista de 200 nomes.

T: Por exemplo, o que tem de referências, assim?

A: Vixe, é muita gente. Vamos começar das antigas, assim, eu sempre gostei de pesquisar a música brasileira bem antiga. Então assim, Chiquinha Gonzaga, Bidu Sayão, Dalva de Oliveira, e vem vindo pra cá, Aracy de Almeida, todas essas mulheres do samba canção são mulheres que me tocaram muito, eu sempre escutei, minha avó sempre cantou. E aí depois aquela paixão Maria Bethânia na adolescência, aí a redescoberta da voz da Gal, aí volta pra uma Adriana Calcanhoto, então, sempre fui regido pelas mulheres. Acho que o único homem que me tocou em algum lugar foi ((somos interrompidos por uma entrega)). Eu tive algum contato com Renato Russo, foi um cara que me tocou muito na adolescência, eu gostava muito das letras dele. Então, quando eu cheguei no teatro, o lugar que eu mais tinha vontade de exercitar era esse, porque era um lugar que eu não exercitava na vida e no teatro eu pude exercitar. E no teatro isso é sempre muito aceito, vamos fazer, vamos explorar esse viés, ele existe.

T: E assim como o Gabriel falou, você também desde criança gostava dessa estética?

A: Ah, sempre gostei. Uma coisa que eu fazia, eu criancinha, novinho, eu gostava de fazer a unha da minha avó. Sentava na cama e ficava brincando de fazer a unha dela, eu tenho essa imagem. Eu tinha uma tia que tinha esquizofrenia e eu gostava muito de ficar com ela, e o que eu mais gostava de fazer era maquiá-la. Ela deixava eu fazer o que eu quisesse na cara dela, isso era muito bom.

G: Uma das coisas mais legais de fazer era colocar o casaco, a toalha na cabeça e bater cabelo, era maravilhoso. ((risos))

A: Eu não fazia muito isso em mim, mas eu me realizava na minha irmã. Eu gostava de fazer as coisas, tipo, eu gostava de vestir a minha irmã, de calçar, botar cabelo na minha irmã mais nova.

G: Eu fazia na minha irmã também, em mim, na minha irmã, em todo mundo!

A: Uma coisa que eu adorava fazer também era costurar roupa de Barbie pra ela. E teve uma época que eu fiquei tão bom de fazer roupa de Barbie, que eu comecei a vender pra rua inteira, todas as amiguinhas da minha irmã compravam as roupas que eu fazia.

G: A hora que a mãe, a hora que todo mundo sai de casa, quando você começa a ficar mais velho um pouquinho tipo 12, 13 anos, que tudo bem deixar você sozinho em casa, aí você vai no guarda-roupa da sua mãe, tira o salto mais alto que ela tem, mais lindo, da caixa e veste e sai pra lá e pra cá.

A: Não, isso é impressionante, eu tinha... Eu amava sapato de salto. Se eu ficava sozinho no quarto da minha avó ou no quarto da minha mãe eu ia no armário e eu sabia quais eram os sapatos mais bonitos que ela tinha, tanto é que quando elas se arrumavam pra sair eu falava “põe aquele outro sapato, mãe!”, ela falava “não, aquele dói muito meu pé”, “mas ele é lindo, mãe, como dói?”.

G: Os colares também, as minhas avós não tinham orelha furada, elas usavam sempre brinco de pressão, então tinha muitos brincos de pressão.

A: Mas apesar de toda essa trajetória teatral, o trabalho da drag ele é muito diferente.

G: É, o que eu acho assim, é que, a gente tá aqui falando e pensando também, formulando. Tem a ver obviamente, você falou desse negócio de fazer personagens femininos no teatro. Acho que assim, tudo você tem que avaliar caso a caso, assim, a história tá aí, então antigamente as mulheres não faziam peças, esse lugar não era concedido à mulher. Aí os homens usavam máscaras e tudo isso, era um processo que existia, mas aí também existiam os homens que faziam especificamente papéis femininos, porque eram homens com determinadas características. Tudo nesse lugar de que mulheres são assim, homens são assado e tal. Aí pensando já mais na contemporaneidade, revolução feminina e tudo, e acho que hoje em dia a gente vive um momento também de muita responsabilidade social, então de fato é uma pergunta pra se fazer, por que homens fazerem papéis de mulheres em obras de teatro e em peças se nós temos as mulheres, se temos tantas mulheres, por que usar um homem pra fazer um papel de uma travesti, ou uma própria mulher pra fazer o papel de uma travesti se existem travestis e travestis marginalizadas que não tem nem espaço pra fazer um trabalho que não seja o da prostituição. Por que não criar essas oportunidades, então tem muitas questões que eu acho que hoje em dia precisam ser levadas em consideração quando se vai fazer escalções e pensar

sobre o lugar de representatividade mesmo. Não estou dizendo pra ser uma coisa ou para ser outra, mas o que a gente precisa é avaliar e pensar sobre a situação que a gente tá vivendo, como que você quer que aquela obra se insira nesse contexto que a gente vive. Mas eu acho que a drag, fazer o que a gente faz, o gênero como expressão artística, um não tem a ver com ocupar um lugar feminino, ou o lugar da mulher na sociedade, não tem a ver com isso, tem a ver com expressão mesmo. Tem a ver com um lugar de desejo de expressão que eu enquanto homem sinto esse desejo, ou eu enquanto pessoa, não só enquanto homem, eu enquanto pessoa sinto esse desejo de dialogar com a sociedade e com os termos que a sociedade apresenta dessa forma, quebrando as barreiras do gênero. E não tem a ver com a minha identidade, entende, assim no sentido de que eu não tenho um desejo de viver ou de me expressar enquanto ser humano como uma figura feminina. Aliás eu acho que não tenho desejo de me expressar como nada que seja tão... Às vezes eu tenho vontade de ser muito muito viril, às vezes eu tenho esse desejo. Falo “ah, não agora eu tô querendo me expressar dessa forma, viver dessa forma”. Às vezes eu tô querendo tipo, sair cheio de purpurina, de maiô, e saio, entende. E não tá montada, não é a Sara. Não é essa persona, é só tá a fim de usar. Uma vez a gente foi sair pra uma pré-estreia, eu falei “ai, eu queria tanto ir de salto hoje”. Sabe, de terno, gravata e salto. Só porque eu quero usar esse salto.

T: E não rolava?

G: Não, não rolou, não fui. O Alessandro também achou demais, ele falou “acho que não tem nada a ver”. Mas aí depois eu pensei que não tem nada a ver, assim, não era uma pré-estreia para um filme meu, não era um momento para // talvez eu chamasse atenção demais, eu ia chamar atenção num momento que não precisava chamar, entende? Aí falei realmente, vou ficar na minha, porque chama atenção né.

T: Deixa eu aproveitar que a gente está falando de saltos e coisas do tipo e perguntar sobre a transformação física. Como funciona? De onde que, está o Gabriel, está o Alessandro, e vira Sara e Nina, como?

G: O processo é longo.

A: O processo é longo. Mas é tão engraçado isso, que eu sinto que ele vai acontecendo a partir do momento que eu sento na frente do espelho e faço a barba.

G: Mas tecnicamente, assim, eu acho, tem uma coisa que é assim: tem a ver com proporções. Proporção. Tipo, você tem um tamanho, você tem, entende, assim, nós temos proporções, eu acho. E aí você vai, de acordo com talvez um apreço estético

individual mesmo, e aí é uma questão de como você gosta da figura, e aí você vai trabalhando proporções e luz e sombra, né, em um jogo. Então, assim, por exemplo, eu sei do meu rosto, e aí tenho... hormônios, tarará, alterações nananá, fazem com que a gente fique assim, então eu, homem, tenho uma testa bem proeminente, tenho isso aqui, sabe, forte, forte no sentido de, meus ossos aqui são grandes, meu nariz é desse jeito, tem essa característica, que não traz, por exemplo, essa coisa que as mulheres geralmente, as mulheres não tem isso aqui tão intenso quanto nós homens temos. Quer dizer, nós homens ocidentais, com essas características que eu tenho, os orientas não tem isso aqui desse jeito, é outra coisa. Não tenho, por exemplo, pálpebra nenhuma, então meu olho, se você fizer, por exemplo, lá na novela a gente enfrentou esse tipo de problema, as pessoas foram me maquiar, a primeira vez (ônibus)

T: Você põe uma sombra e ela não aparece.

G: Ela não aparece! E aí se você segue o desenho do meu olho, eu fico com um gatinho assim, reto, fica parecendo um faraó, na verdade. Tem jogos. Tudo para mim tem que ser jogando, tem que ser para cima, faço, primeiro eu escondo a sobrancelha para poder abrir, aumentar o meu semblante, então não começo minha sobrancelha muito aqui do fechado, eu abro, começo ela mais aberta, para abrir meu olhar. Aí ilumino meu rosto todo assim, nesse sentido assim ó, tudo aqui é iluminado, para cima, fazendo...

T: um “V”

G: Fazendo um “V” E aqui, também, ilumino aqui o ponto da testa, um pouquinho o meu queixo, ilumino um pouco o meu maxilar, mas eu tenho que tomar muito cuidado porque, dependendo de como você fizer, eu vou ficar com isso aqui enorme e com a marca da barba. Então, assim, o desenho de quebração, de sombreado, tem que vir mais embaixo, para ficar menos espaço de maxilar.

A: Eu, por exemplo, não gosto muito de iluminar essa região aqui, eu sempre escureço aqui. Porque, senão, eu fico com uma cara desse tamanho. Então eu gosto mesmo... Aí também vai da pessoa, e também de você saber o que tá vindo para fora. Eu lembro que uma época eu estava muito barbudo, eu estava fazendo uma peça que estava mantendo a minha barba comprida. E toda vez que eu me montava com aquela barba vinha uma outra pessoa, sabe, e era muito legal me montar com aquela barba e entender o que eu ressaltava, onde que eu escondia, é um outro formato: sem barba; com barba; o que que eu quero que apareça; o que eu não

quero que apareça; a necessidade de cobrir, por exemplo, ele tem uma sobrancelha muito mais fácil de cobrir do que a minha, o meu pelo é bem mais grosso, então ele dá um volume, as vezes a cola não segura, ele fica soltando, aí é uma sobrancelha mais difícil, então eu tenho que saber como é que eu cubro, se eu quero cobrir ela inteira..

G: A técnica para ele precisa ser diferente da minha, porque a sobrancelha responde.

A: Teve até, estou com a sobrancelha com uma diferença aqui porque teve um tempo que a gente estava se montando muito, aí eu: “Gente, não estou aguentando!”. Aí eu raspei a sobrancelha daqui para cá, que aí eu aproveitava, as vezes, o comecinho da minha própria sobrancelha, entendeu? Apesar de que, ultimamente, é ele quem faz as minhas sobrancelhas. Eu só cubro e ele desenha, para a gente ficar. Como as nossas drags tem essa coisa, tem uma semelhança, a gente gosta de manter essa semelhança.

G: Aí tem umas coisas, por exemplo, também, a proporção do lábio, né, assim. Quer dizer, aí também depende, porque, obviamente. Se eu for falar do seu rosto, né. Você tem o lábio pequeno e funciona, mas é isso. Seu rosto é esse, você é uma mulher. As suas características são... está aí. A sua feminilidade está aí. Como é que eu construo uma feminilidade? Como, que corresponda a uma feminilidade dessas, assim, natural, digamos assim? No caso dessa montagem que a gente faz, porque a gente também não está buscando também essa...

T: Sim, sim.

G: Isso que eu ia falar.

T: Até barba mesmo, tem gente que faz.

G: Sim!

A: E é maravilhoso. E é isso que eu ia falar. A escolha estética da sua drag. Você tem que entender qual é a sua escolha. Eu sei que a gente, ultimamente, tem feito uma escolha estética de ser muito delicada e feminina, cada vez mais a gente tem ido por essa estética. Então, assim, apesar do exagero da drag, a gente cuida para que o exagero não tome uma proporção que ele tire o, desequilibre aquilo tudo, entendeu? Por exemplo, a minha boca. Toda vez que eu vou fazer a minha boca, as vezes eu faço linda, as vezes eu faço uma boca enorme, aí eu fico brincando: “gente, hoje eu estou com boca de palhaço!”, porque a boca fica maior do que o que o resto está propondo. Então tem esse lugar das coisas se equilibrarem, todas as propostas. Desde o meu quadril, se eu coloco um enchimento de quadril, ao tamanho do meu

peito. Para a minha proposta da minha drag e da Nina, eu tenho que entender qual é, quais são essas proporções.

G: E depende da roupa, também, que a gente está usando. A gente tem feito, num show que a gente está fazendo atualmente, a gente está com uma proposta de fazer um, tanto um encontro com um trabalho que a gente vinha desenvolvendo antes dessas cantoras das décadas de 30 40 e 50, enfim, samba-canção, e passando por outros repertórios mais contemporâneos nossos, e até músicas autorais. E tem muito a ver com o lugar de afirmação, de libertação do povo por libertação da sexualidade, libertação da estética, dos padrões estéticos, está muito em diálogo com isso, né, esse show especificamente. Então a gente começa com uma túnica, sei lá, que a gente solta aqui em cima, e solta aqui embaixo e ela cai, mas ela é toda dourada, assim, linda, maravilhosa, que parece uma coisa meio árabe, assim, é lindo, um negócio super simples, na verdade, mas douradão, que fica maravilhoso com os nossos cabelos e tal, aquela coisa linda, muito ouro, joias, bem glamorosa. Mas aí chega um momento do espetáculo, a gente tira isso tudo e a gente está com um maiô, um maiozão, assim, bem cavado, sem peito, sem enchimento, sem prótese, sem quadril. É o nosso corpo, também, como ele é, do jeito que ele é também, é esse corpo, com essa roupa, com essa proposta, com esse cabelo, sabe, é uma coisa que me interessa, eu me sinto, também, eu me atraio, eu gosto, eu quero falar sobre isso, eu quero falar sobre esse lugar de aceitação, então por que não também ser esse corpo, entende?

T: Aham.

A: A Pablo também trabalha nesse lugar, né.

T: Aonde que é, isso que eu ia perguntar para vocês. Vocês estão fazendo aonde esse.

G: Ah! Acabou. A gente ficou uma temporezinha no Sergio Porto.

A: Mas a gente vai.

T: Mas avisem, se for rolar mais alguma coisa.

A: Vai rolar!

G: Não, rola! Que daqui a pouco a gente faz aqui de novo.

A: A gente está sempre fazendo. A gente faz aqui em Santa Tereza em um lugar, a gente faz um show que se chama "Sara e Nina na rua"

G: Na calçada.

A: “Sara e Nina na calçada”. Que é na rua o show, mesmo. A gente faz numa calçada (inaudível) bares que tem ali, é bem legal. A gente faz muito assim, a gente fez muito tempo no Semente, na lapa, que fechou. A gente já fez. A gente fica aí, pela noite carioca, nos palcos.

T: Você ia falar da Pablo, desculpa.

A: Que a Pablo tem muito essa, ela trouxe muito isso também, essa coisa do ‘eu sou assim’. A Pablo não usa nada além do que ela tem. A maquiagem dela é super, como é que as pessoas dizem, menininha, super...

G: Fishing?

T: É, Fishing.

A: Não é uma Kim Chi da vida, é uma outra pegada, assim.

T: É, verdade.

A: Eu acho que depende do que você quer, para a sua transformação.

G: Mas isso é uma das coisas que falam que facilita muito, que facilitou a aceitabilidade tão grande, porque a Pablo é higienizada, né. A Pablo é, ela é, entende, assim, a Pablo, nós duas, a Sara e a Nina, e tantas outras, assim, as vezes elas, se consome com mais facilidade porque você aceita um pouco melhor, rapidamente você identifica uma mulher ali, uma feminilidade na lata, assim, mas. Na lata não, mas porque a gente condena. Por exemplo, quando a gente estava ontem aqui na lapa, né, e aí você vê travestis que não são tão higienizadas assim, as pessoas apontam o dedo, as pessoas riem, as pessoas debocham, as pessoas rejeitam muito mais, é delicado esse lugar, é horrível.

T: E você acha que quando, que tem uma diferença, assim, de quando você vai de maiô cavado, sem enchimento, de nada, para quando você vai de enchimento, as pessoas falam “ah, agora é um homem de maiô, que estranho!”.

G: Não, não, não, não é nem, não era isso. Engraçado, misturamos um pouco os assuntos. Não é nem só isso não. Não, desculpa, eu misturei aqui. Estávamos falando da falta de enchimento, nananã. Mas aí ele trouxe essa coisa da maquiagem, dela, do cabelo e da aproximação que ela tem com a mulher, com a imagem da mulher gostosa, bonita e tal, e aí isso facilita o trânsito dela, isso que eu estava querendo dizer, entendeu, não estava falando mais da falta de enchimento, nada disso.

T: Ah sim.

G: Porque, As Bahias e a Cozinha Mineira, ou a Liniker, entende, são figuras que tem mais dificuldade de transitar. Elas representam, e as pessoas no nicho se sentem completamente representadas por aquelas figuras, mas elas não conseguem, tipo, os caras, porque a Pablo conseguiu acessar esse nicho da sociedade, sabe

T: Faustão!

G: O cara do Leblon, sabe? Assim, o mauricinho do Leblon que tira onda com a mina, pá e tal. O cara que costuma apontar o dedo na cara da mulher trans e chamar de traveca, e bate, sabe, assim.

A: Que bate nas (inaudível)

G: E agride as mulheres, enfim. Esse cara, esse cara foi seduzido pela Pablo.

A: É, mas eu também acho que vai muito um ponto que eu acho muito legal de que a Pablo faz, que o importante não é se ela é drag, trans, travesti, gay, o importante é o produto que ela está fazendo. Eu quero consumir essa música. Eu acho que ela conseguiu, consciente ou inconscientemente, não sei, mas ela conseguiu isso. O que está sendo vendido ali é o produto que ela faz, é a música dela. Tanto é que ontem eu estava conversando muito com o Peter sobre isso, eu estava falando sobre essa desconstrução do, eu estava falando dessa: “Ah hoje em dia, a desconstrução do masculino, pá, não sei o que”, por causa da peça que a gente viu, “eu acho que as vezes a gente fica no lugar comum”. Ai eu falei: “pode até ser que a gente fique no lugar comum, é interessante a gente se atentar a isso, mas eu acho que quando você faz um trabalho que ele dilata” eu disse pra ele, eu falei:” eu acho que eu e Gabriel temos essa preocupação com o trabalho de Sara e Nina. A gente não quer ficar ali falando sobre a drag queen, sobre a travesti, sobre a trans, a gente não precisa falar, a gente já representa esse lugar. Então eu vou falar sobre o que eu quiser. E é tão potente isso, porque faz assim, tipo, eu vou falar, a gente vai cantar uma música sobre, sei lá, vai falar sobre amor, política, e aquela pessoa que vai ouvir e se identificar com aquela música, ela automaticamente, ela já vai superar esse lugar, ela já...

G: É. É uma forma de inserção dessas figuras, e é uma forma inclusiva. Por outro lado, eu acho essencial, como uma prática, a gente não está muito no assunto mas, tudo bem. Mas assim, eu acho que estar em uma posição que a gente está tentando para a gente também. Estar nessa posição de não precisar reforçar ou falar “Sou uma drag queen, estou aqui, vou falar sobre a condição da travesti.” A gente não fica

fazendo esse trabalho. Por outro lado, ser uma drag queen, ser uma figura travestida e ocupar um lugar de fala independente e desvinculado disso me faz lembrar da importância que é também aproveitar esse momento, aproveitar essa oportunidade para falar sobre inclusão, falar sobre representatividade, falar sobre diversidade, falar sobre respeito, entende, assim, onde a Pablo está, por exemplo, esse lugar mais de oito, sei lá quantos milhões de seguidores no Instagram, de ter um espaço no Caldeirão do Huck, espaço no Amor Livre, espaço no (...), espaço no Faustão, me faz pensar, também, como é importante ocupar todos esses espaços de, que geralmente abrem as portas para a diversidade com mais dificuldade, para lembrar que esses lugares tem que abrir as portas. Que é bom abrir as portas, que é importante que a gente se encontre, que a gente dialogue, que a gente esteja em contato, e que como é difícil, que no Brasil é o país que mais mata travestis, transexuais, LGBTs no mundo, mais do que em lugares onde é proibido, onde dá prisão se você é um casal...

A: Gay.

G: Ou que não concebe a ideia de que existe gênero fluido, que existe travesti, que existe transexual. Enfim, acho que é isso.

T: Racismo.

A: Mas vamos voltar a falar da transformação

G: Deixa ela falar

T: Deixa só eu perguntar uma coisa, já que a gente entrou nesse assunto de aceitação, e tudo mais. Como é que foi, assim, para vocês a aceitação das pessoas próximas, família, essa galera que as vezes a gente pode ter algum problema. Tem algum problema?

G: Sempre tem, eu acho. Sempre tem um lugar de confronto, assim. Porque é uma novidade, é uma coisa diferente.

T: É que pode ser diferente para cada um.

A: Quando a gente fala em família, eu penso na primeira família, eu penso nos meus irmãos e nos meus pais. Esqueço de pensar nos primos e nos tios, é claro que pensando na família grande tem.

G: Mas mesmo para pais e irmãos, sabe, assim, mesmo, tipo assim, é porque eu acho que a minha irmã é mais nova, então, assim, por mais que ela tenha vivido – minha irmã é religiosa para caramba – por mais que ela tenha vivido essa imersão religiosa e isso pudesse ser um contraponto, um dificultador da aceitação e do

diálogo entre a gente, eu acho que ela viveu muito mais o conflito interno e na religião dela do que comigo, porque eu acho que o problema era pra dar conta do fato de que ela me ama, de que ela me aceita, de que está tudo bem, de que está tudo ótimo, e todos os conceitos que ela está aprendendo e querendo pregar e querendo seguir através da religião que ela está tentando conhecer mais, sabe? Então assim, a minha irmã é tipo, quase discípula. Ela vem, pede, quer ser montada. Os meus pais, acho que tem dificuldade assim, a minha mãe é mais. Eu estou falando dos problemas porque eu acho que, nos amamos, nos aceitamos e é tudo ótimo, meus pais dormem, meus pais ajudam, meus pais, assim, sabe. Meu pai, outro dia desses, a gente estava sem como comprar uma passagem para um músico vir de Floripa vir aqui tocar com a gente, aí eu falei: “pai, você tem milha?”, ele falou: “tenho!”. Aí tirou a milha, deu problema na milha ele pagou a passagem, me mandou e disse “não precisa me pagar, fica de patrocínio para Sara e Nina”. E ele é bem assim, sabe? Ele sabe, eles são super... Nossa, quando a gente foi tocar em Brasília, foi super parceiro na produção, sabe, levou e buscou material, fica junto, fica lá meio assim, no espelho, acompanhando, vendo o processo de transformação. É mágico, sabe, eu acho que para. Para todo mundo, se você entra, foi uma das coisas que eu aprendi mais mágicas também, mas legais da minha vida, que é assim: não tem que entrar em combate, não é aí o lugar, não estou precisando disso para mim, e eu acho que ninguém está precisando disso, veja pelo mundo. Nosso lugar, eu acho que é de inclusão, também, eu como uma pessoa talvez segregada, meu lugar também é de inclusão, sabe, de incluir o outro, e de falar “poxa, olha aqui, sabe. Calma!”, dar amor, oferecer amor, oferecer partilhamento. Então, acho que eu prezo pelo diálogo sempre, sabe, pela oportunidade de dialogar, então óbvio que é um lugar conflitante, porque é diferente daquilo que eles, o que eles planejaram, o que sonharam, o que idealizaram, mas assim, a gente aprendeu a dialogar. Acho que isso é o mais legal.

A: Eu acho que eu tive mais dificuldade quando a minha família entendeu que eu era gay do que quando surgiu o trabalho de Sara e Nina.

T: O que que foi antes?

A: Quando eu disse para minha família: “não, eu realmente sou gay”

T: Então, mas foi antes ou depois de.

A: Foi bem antes, foi bem antes.

T: Foi bem antes.

A: Bem antes. Eu tinha 20 anos quando isso aconteceu. Eu acho que esse período foi o período que me deixou mais... do que depois, entendeu? Porque eu acho também que o exercício do ator alargou lugares na minha família, abriu espaços na minha família que, sei lá, já deixou, eles aceitam assim, tipo, meu pai é um dos maiores fãs de Sara e Nina. E eu lembro que quando eu falei para ele eu falei: "Pai, eu sou gay, é isso". Ele passou uns dias aí num conflito com ele mesmo, eu achei que ele fosse me botar para fora de casa, e aí um dia ele me chamou para conversar e falou "meu filho, te amo, te aceito, você é meu filho e a única coisa que eu te peço é que você não se vista de mulher". Aí eu lembro que eu falei pra ele "Pai, não sei".

T: Não vou te prometer nada.

G: Olha, agora, a parte difícil, eu acho, é assim, para algumas pessoas da família, é de legitimar a existência dessas figuras, Sara e Nina, isso é mais difícil. Tipo, minha mãe ir assistir a gente, ela tem dificuldade de chamar "Sara!", ela tem dificuldade de falar Sara.

T: E é para vocês é, isso faz parte assim quando vocês montados tem que, é Sara, é Nina, ou chegar para você montado e falar: "Gabriel, vem cá." É estranho?

G: Eu estou menos incomodado com isso, eu já fui mais. Porque aquilo ali, pra mim, também não é, entende, é o Gabriel mas também não é esse lugar, sabe? Hoje em dia eu sou mais seguro da Sara, eu acho, sabe? Seguro mesmo, assim, quando elas, quando eu estou montado eu gosto que me reconheçam, que reconheçam, que eu, Gabriel, escolhi um nome feminino para aquela minha manifestação. Não tem problema, muita gente pode falar Gabriel eu até não deixo de, não... mas as vezes eu dou um toque, falo: "não, me chama de Sara."

T: Agora é Sara.

G: E também, para quem está perto escutar, entende, assim, porque eu acho que é o lugar da legitimação, assim também. Todo mundo está vendo que não é uma mulher, uma mulher mulher, né, que essa não é a opção. Mas legitima ela, sabe, assim como ato social, político, responsável, entende, mas nesse ponto.

A: Num ato de respeito também, àquilo.

G: É um lugar que eu acho que é importante, a importância desse trabalho, sabe. É um trabalho que, para mim, tem responsabilidade social, tem um lugar de engajamento, de tentar fazer alguma coisa pela nossa sociedade, pelo nosso social, pelos nossos encontros, então é de virar para você e falar: "não me chama de Gabriel não, me chama de Sara" Legitima ela.

A: E isso é ruim assim porque, foi o que eu falei uma vez pro, a gente fez um trabalho, a Sara e a Nina fizeram um trabalho, para um amigo nosso que fez uma coisa de vídeo, e ai ele ligou e falou “ó, vou colocar Sara e Nina Gabriel e Alessandro”. Eu falei: “Não! Sara e Nina é Sara e Nina. Só o nome delas tem que estar no crédito!”. Aí ele me mandou uma mensagem no particular: “Nossa, mas por que você está dizendo isso?!”. Ele achou que a gente estava com vergonha de vincular os nossos nomes à Sara e Nina. Eu falei: “Não! Muito pelo contrário! O que eu estou fazendo é legitimando essas mulheres. É importante que as pessoas que estejam vendo acreditem nelas, e não que vejam e falei assim ‘ah não, é um trabalho do Alessandro, é uma brincadeira, uma bobagem’.” Não, não é! Aquilo ali é real, existe, e tem uma responsabilidade naquele evento acontecendo. Então é importante que ela seja, olhe e “não, é Nina! Nina é Nina. Alessandro é Alessandro.” Ali é Nina.

T: Bom, a gente volta para a questão da transformação.

A: Não é porque eu achei que você quisesse mais.

T: Não! Não tem problema divagar um pouco não. Ainda mais que são duas pessoas, eu sei como é que é mais.... Mas a gente falou muito de rosto, né, de esconder sobrancelha, de lábio. E do pescoço pra baixo, como é que é mais ou menos?

G: Eu gosto muito de me transformar do pescoço para baixo.

T: Você não gosta?

A: Eu gosto, muito. Porque eu acho meu corpo muito... Claro que tem mulheres assim também, mas para a Nina, eu acho meu corpo muito reto.

T: Você pode repetir, porque eu acho que passou um ...

A: Para a nina eu acho que eu tenho o corpo muito quadrado, muito reto, sabe. Um corpo muito masculino. E eu gosto de mudar, eu gosto de apertar a cintura, eu gosto de colocar cinta, eu gosto de colocar uma calcinha que aperte mais aqui, que ponha a barriga para dentro. E dependendo da roupa que eu estou usando, eu gosto sim de colocar quadril. Eu tenho umas espumas que eu moldei para fazer quadril, e para fazer o. Homem geralmente tem esse buraco no glúten, por mais que ele tenha bundão

G: No glúten não!

A: No glúteo. Que faz essa entradinha, assim, que geralmente a mulher não tem, a mulher é redondinha.

T: Redonda, sim.

A: Então eu gosto de ir adequando o meu corpo com espumas, assim. Aí eu uso, dependendo da, já cheguei a usar peito preso com fita, a gente já usou. Depende da roupa que eu vou colocar, mas eu gosto desse formato mais violão. Acho legal.

G: Olha, eu gosto de conforto, honestamente. Mas gosto, óbvio, de sentir que estou bonita, mas peito é uma coisa que eu tenho optado cada vez menos de colocar enchimento, assim, eu ponho e tal, mas eu gosto, dependendo da roupa. Acho que depende do que você está vestindo sabe, assim, mesmo. Não gosto de colocar, porque assim, Tem pessoas que sabem mexer e fabricar isso melhor. Mexer com esponja, etc. Eu também nunca me dei esse trabalho de pegar esponja e fazer e moldar no meu corpo e tudo, acho lindo quando fazem, mas eu gosto, por exemplo, agora eu estou meio acima do peso, mas quando eu estou mais magro... não, acima do meu peso, do meu tipo, da minha magreza, assim. Eu sou mais magro geralmente. E mais magro e mais seco, mesmo, assim. É bom quando eu estou mais magro e mais seco porque aí a cintura afina, (inaudível) mais simples, só coloca uma calcinhazinha assim para dar uma segurada nas coisas e vai, lindamente desfilando pelos lugares.

A: E tem, assim, uma coisa assim que eu gosto muito, eu não gosto de meias. Ainda mais aqui no Rio que é um calor do cão.

T: Ah, pois é!

A: Então depilação é uma coisa que eu, Gabriel também, óbvio, a Sara é sempre depilada, a Nina também, porque eu gosto de mostrar a pele.

T: E vocês acabaram fazendo isso na vida né?

A: Na vida.

T: Porque, assim, depilação é um negócio que tem que ficar mantendo.

A: É.

G: É. Agora está meio cagada,

A: Vai nascendo, assim

G: (inaudível) está bem feia. Mas ó braço, eu tô. Eu sou muito peludo.

T: Ah, é zero mesmo.

G: Hã?

T: É zero mesmo.

G: Gillette. ((inaudível))

A: E é isso, assim. Confesso a você que a coisa que mais me incomoda na transformação do corpo é “aquendar a neca”. Porque as vezes, não é nem que

incomoda estar com a neca presa, não, mas é porque é muito chato isso de você sai na noite, por exemplo, a gente vai fazer um show, e aí a gente geralmente sai de casa montada, a gente não se monta no lugar. Então você passa aquela noite inteira, as vezes quatro, seis horas ali, preso, presa, no caso. E se você tiver vontade de fazer xixi, fudeu.

T: Não tem xixi.

G: E aí unha comprida, para poder tirar e colocar de novo, é meio complexo.

T: A unha vocês não deixam crescer?

G/A: Não

T: Põem a postiça.

A: E isso é uma outra coisa da transformação. Eu sempre gosto de, e eu prefiro não ter a unha grande pela facilidade de mudar. Se eu tiver a unha grande eu vou ter sempre aquele formato. E o que eu gosto muito na drag é a facilidade de transformar, de mudar, de ter um cabelo diferente, de ter uma unha diferente, de ter uma maquiagem diferente, de ter uma montagem diferente. Hoje eu tenho peito, amanhã não tem. Hoje eu tenho quadril, amanhã não tem. Aí hoje eu uso um vestido assim, e amanhã não uso. Hoje eu posso estar de barba, amanhã eu posso não estar de barba. Eu gosto disso, dessa, desse universo para ser desvendado.

T: Aham, poder colocar...

A: E eu acho que a unha ia me deixar fixo, a sempre usar a minha unha grande, ter que pintar e ter que mandar fazer. As minhas unhas são assim um... ((inaudível))

G: Agora, tem uma coisa, assim, que é até a montagem, muito louco, tem um lugar aí que é: "Nós enquanto nascidos homens, artistas, trabalhamos com gênero, tem aí no nosso, nesse trabalho uma abertura dos padrões estéticos e uma ruptura com as obrigatoriedades do nosso corpo. Por outro lado, nós estamos fazendo uma hipérbole feminina, assim, estamos hiper. Uma estética aumentada de características femininas. Aí faz uma cinturinha microscópica, um peito X, uma bunda X, toda depilada, com virilha cavada, bem aquendada. O extremo da, sabe, assim, tem um lugar aí também meio delicado, eu acho, por isso que é sempre um diálogo, assim. E eu tenho gostado cada vez mais, apesar de eu, mas aí são opções, assim: "Ok! Quero usar a estética depilada", mas eu não sou obrigado a usar, entende. Isso não é, por isso que, assim, aquendar a neca eu acho que também não é uma coisa que você precisa fazer, entende? Se você quiser, você faz, se não quiser não faz. Não faz não, é bom! Gosto do pau marcando, acho que tem que deixar marcando

mesmo, está ótimo. Sabe, esse é o seu corpo, e é bonito, a gente, eu. A gente fica “ah, que delícia, essa figura com esse pau e com...” eu acho que tudo é maravilhoso. Então, assim, deixar... porque senão você também fica nesse, você entra justamente no mesmo lugar de cobranças, assim, você tem que ter sovaco depilado, tem que ter a sobrancelha feita, tem que ter não sei o que, tem que ter nada! Faça suas escolhas, sabe, assim, as suas escolhas. Por isso que é bom. Faça escolhas que. O que você quer ter, e principalmente, assumir que é assim e pronto.

A: A gente tem uma amiga, por exemplo, é uma drag linda, linda, que é a Barbara. É uma drag de dois metros e meio de altura, porque ele é grande, então a drag é maior ainda, quando bota um salto de elefante

T: Ainda bota um salto plataforma.

A: Enorme, uma plataforma. E fica aquela mulher gigante e ela é toda peluda, ela não se depila. E ela é linda

G: Não. Depila as vezes. As vezes não depila. É isso que é legal.

A: Mas geralmente ela está toda linda, maravilhosa, peluda, maravilhosa. E é a estética dela, e é lindo. Igual a uma drag americana que chama Hellvetica, que não se depila. E é maravilhosa aquela drag, maravilhosa, uma barba gigante.

T: A Conchita também.

G: O que eu acho é que você tem que, eu gosto da Barbara menos, eu acho que ela é bem aí nesse lugar. Para mim, o que eu gosto nela é que o lugar dela de montagem é um lugar de libertação, então não é para você não se montar porque hoje você não vai ter tempo de se depilar, entende? Não é para você não fazer porque hoje você não vai tão feminina. Hoje você vai estar é maravilhosa, sempre, deslumbrante, sabe, e aí faz e faz e faz e coloca e vai funcionando e tudo funciona, é isso. Acho que a palavra empoderamento tem a ver com isso. Quando a gente fala em empoderamento tem isso: empoderar-se do que você tem, do que você é e do que existe ali. Não é você empoderar-se do lugar idealizado, entendeu? É disso aqui, é desse corpo e dessa condição.

A: Mesmo assim, tem sempre a transformação, o corpo sempre se transforma, eu acho que ele sempre se transforma. Mesmo que não tenha nenhuma intervenção, sempre se transforma. Pela roupa que a gente está usando, pelo cabelo, pela maquiagem, pelo sapato. Sempre tem essa transformação, mesmo que você não coloque uma cinta, mesmo que você não coloque um quadril, (inaudível)

T: Os gestos mudam...

G/A: Muda.

G: Muda. É, eu não sento assim

A: Muda o caminhar...

G: Muda. E isso é tão engraçado...

T: Voz também?

A: Muda também. Eu escuto, no início, eu lembro até uma vez, foi muito difícil encontrar esse lugar da voz da Nina, mas ele veio sozinho. Não paro para pensar nisso hoje. Mas esse lugar que a gente transita entre o que a sociedade diz que é uma mulher e o que a sociedade diz que é um homem, esse espectro é que é muito legal de você transitar, e saber que você pode transitar por todos esses lugares, sabe. É como se você entrasse numa loja de departamento que não tivesse divisão nenhuma, que você entrasse e fosse pegando as peças que você gosta. Quebrar isso, do que é socialmente uma mulher, do que é socialmente um homem, eu acho que esse trabalho da drag faz isso, sabe, vai além do corpo feminino e do corpo masculino. Essa quebra, desse parâmetro todo. Até outro dia eu fiquei pensando, eu falei: "Gente, antigamente, quando as pessoas iam pro circo ver a mulher barbada, devia ser uma drag, né?" Tanto é que em fortaleza tem uma drag que se chama mulher barbada. E ela é maravilhosa, ela faz as coisas com Silvero, assim, ela é linda. Ela tem um corpinho, gostosona, quadril, perna, coxa, uma barba maravilhosa. Se eu visse aquela mulher, eu ia: é uma mulher barbada em um circo, de 1910, é uma mulher barbada, gente.

T: Então, gente, acho que por mim estamos bem!

7.4

Transcrição da entrevista com Palloma Morimoto

Talita: Então fala um pouquinho sobre como é quer você começou.

Palloma: Eu comecei a fazer drag, na verdade comecei a me interessar pela arte drag por causa do teatro, eu sou atriz. Em 2012 eu estava produzindo meu espetáculo de formatura, e aí eu queria estar buscando formas de tipo, técnicas de caracterização mesmo pra poder usar no espetáculo. Era um espetáculo do... do... caraca! Que tinha um dos personagens que era um homem que interpretava uma mulher que fazia um homem. Era Molière, então Molière tinha muito dessas coisas assim, tipo, que era um, tinha sempre esse personagem que era..., era muito característico nos espetáculos, nos textos do Molière você ter um personagem que era (...) uma mulher que foi criada como um homem e no fim ela pega e se revela como uma mulher, sabe, era muito comum esse tipo. E nesse espetáculo tinha esse personagem que era uma mulher, que foi criada como um homem, então ela foi homem a vida inteira, assim. Só que ela era uma mulher sem saber.

T: Tá. Biologicamente?

P: Biologicamente falando. E se descobriu mulher porque quando foi entrando na adolescência, foi se sentindo atraída pelo melhor amigo, que era homem, e aquilo foi dando uma confusão, e aí ele começou a achar que..., e até que ele entendeu e descobriu que ele era, na verdade, uma mulher que foi educada e criada como homem, entendeu? Só que nas montagens que fizeram desse espetáculo, lá fora, geralmente quem fazia esse personagem é uma mulher mesmo, que se caracteriza de homem. No espetáculo de formatura, por questões, assim, de elenco mesmo, porque era um espetáculo de formatura a gente tem que usar os alunos que tem, calhou do personagem ser feito por um homem. Daí a gente precisava caracterizar ele como uma mulher que estava se caracterizando como homem, principalmente porque no final tem a revelação de que é uma mulher. E aí eu fui buscar essas formas de caracterização e descobri no programa do RuPaul, zapeando a televisão descobri que tinha um programa, e aí aquilo me deixou enlouquecida porque eu falei: 'gente, eles conseguem fazer esse tipo de transformação, eu também consigo!'. E aí comecei a pesquisar, e aí fui testando em mim mesma as técnicas, e aí foi quando eu tomei gosto, aí foi quando eu comecei a montar em 2012, mas eu comecei a me

montar em 2012 mas eu só em sinto drag, mesmo, que eu comecei a ter vivência, em janeiro de 2015.

T: E por que você faz essa diferença assim?

P: Porque antes eu só me montava. Eu não era drag. É diferente de uma pessoa que... A maquiagem não te torna drag. O que te torna drag é vivência. Então você tem drag que não tem a maquiagem perfeita mas que são muito drags, sabe? Então assim, você tem uma maquiagem perfeita não te torna uma drag, o que te torna drag é vivência. Então de 2012 a 2015 eu só me montava, eu não tinha nenhuma vivência drag. Eu não saía, eu não conhecia as drags da minha cidade, eu conhecia, tipo, de em um ou outro bar e ter uma drags caricatas apresentando; para mim drag era aquilo. E aí só em 2015 que eu comecei a frequentar as festas, que eu comecei a ver como é que era o, a vida mesmo de uma drag, comecei, e aí por isso que eu digo que eu sou, a minha drag nasceu em 2015 mas eu comecei a me montar em 2012, entendeu? Aí por isso que as vezes dá uma confusão falar assim: comecei a testar técnicas de cobertura de sobancelha em 2012, mas eu só sou drag em 2015.

T: E aí essa vivência, assim, conta um pouquinho mais, como é que você começou a entrar nesse...

P: A primeira vez que eu saí, para uma festa drag, porque até então eu não tinha essa coisa de drag como uma festa que você se monta, uma festa para drag, para você ser drag.

T: Você fazia para o teatro...

P: É, não. Eu me montava assim... Eu me montava em casa e tirava foto. Eu me montava em casa ou me montava e ia ali no mexicano comer... comer tortilla. Ou sei lá, ia para um bar, mas nunca era uma coisa assim: eu me montava e vou ser, sou drag, vou para um lugar de drag, que as drags frequentam. Não tinha, na verdade, esse lugar. As drags trabalhavam. As drags, elas iam e elas eram a atração da festa, elas não eram público, sabe? Daí então não era uma coisa assim: "eu posso me montar e ser drag", sabe, você... era muito mais difícil ser drag antigamente, por isso que eu admiro muito as drags antigas, né, porque era uma fase, era um momento mais difícil, não era uma coisa: "me monte, vou ser drag", você tinha que ter conhecimento, você tinha que ter alguém que te apadrinhasse, que te colocasse ali, você não tinha acesso aos materiais, você não tinha acesso às informações. Hoje em dia você joga no YouTube e você tem diversas formas de como modelar cabelo,

como... onde comprar, que tipo de maquiagem, como fazer a maquiagem, então hoje em dia é mais fácil.

T: Você tem curso...

P: Tem curso. Então assim, não é mais fácil mas é mais acessível. Então quando eu soube em 2015 que ia ter uma festa que eu poderia me montar e ir, e não ia ser uma coisa assim: “estou esperando alguém me contratar para eu ser drag”, sabe? Aí eu me montei e fui. Não conhecia ninguém, eu não tinha amigos. Na verdade eu combinei com uma amiga minha, Natalie, que foi uma amiga que eu viciiei no programa, que era uma amiga minha do teatro, que eu falei: “Você precisa assistir esse programa, esse programa é incrível” e aí ela ficou tão viciada quanto eu – mais até eu acho, talvez (risos) – e aí ela falou: “Ah, vai ter essa festa”. Aí ela me avisou. Eu já sabia que ia ter uma festa no mês seguinte, mas essa festa de janeiro foi ela que me avisou e ia ser tipo assim, semana que vem. E aí eu peguei, comprei e fui. E aí eu falei: “a gente se encontra lá”. Acabou que a gente não se encontrou e eu fiquei sozinha na festa igual a uma autista(!!!), sozinha curtindo a festa, eu comigo mesma. E aí foi assim, a primeira festa eu não conhecia ninguém. Na segunda festa eu também não conhecia ninguém, mas as pessoas já tinham me visto na outra festa.

T: Você já ia montada?

P: Já ia montada! E fui montada desde a minha primeira festa. Um medo, é engraçado porque o meu marido, ele vê as minhas fotos das minhas primeiras “montações” e ele fala: “eu tinha muito medo de você saindo assim sozinha, porque você estava, eu achava que você estava montadíssima e ia ser perigoso e tal. Hoje em dia, vendo essas “montações” de hoje, você nem estava montada naquela época, eu só estava ali tipo super vestida, hoje em dia você sai de bunda de fora, peito de fora”.

T: Estava até comportada né

P: É! Eu lembro que minha primeira “montação” assim de festa saindo de casa, que eu saía assim: “Oh! que medo”, sabe? Eu tava com uma saia que vinha quase no joelho, com um top, uma cinta, um corset, uma peruca que nem era *Lace*, era uma peruca assim, tipo, que poderia se passar por uma peruca de carnaval, – não era, que era toda uma figura boa, aquela peruca ali, aquela azul que está ali –, era uma peruca de cobrinha, e uma maquiagem, que olhando assim nas fotos nem parece que eu estava maquiada, sabe? Então, e eu lembro que eu fui e aí na festa seguinte eu não conhecia ninguém, mas as pessoas já lembraram de mim da festa anterior

tipo: “ah, você estava aqui ‘assim-assim-assado’”, e aí você vai e eu fui conhecendo as pessoas e de repente aquilo foi virando um círculo de amizade, e aí quando você vê, você já começa a trabalhar e, quando você vê, a sua vida toda gira em torno disso, então meio que ela te engole um pouco. Mas foi assim, eu comecei meio que na brincadeira e foi.

T: E a questão, assim, de ser mulher e estar fazendo drag?

P: Então, no início eu não achava que isso era uma questão, porque eu como mulher já me disseram que eu não poderia fazer muitas coisas e eu fazia. Então o fato de eu ser mulher nunca me impediu de fazer as coisas. Não significa que eu não colhi as consequências do fato de eu ter feito. Então eu já fui taxada como puta, piranha, vagabunda, como mulher fácil. Já disseram que eu já era garota de programa, já disseram que eu não poderia ter relacionamento sério com ninguém porque eu agia de uma forma que uma mulher não deveria agir e várias coisas do tipo, porque eu na verdade, quando eu era solteira, eu fazia questão eu tratava os homens da mesma forma que eles tratam as mulheres, e eles ficavam enlouquecidos de ódio, porque eles nunca imaginavam que uma mulher poderia tratar eles da mesma forma que eles tratavam elas. E isso era enlouquecedor para eles porque eles achavam que isso me deixava muito solta, então o fato de eu ser uma mulher independente, que não depende, eu sempre trabalhei, eu sempre morei sozinha, eu sempre tive a minha casa, então o fato de eu não depender deles para nada, tipo assim, eu queria ter uma alguma coisa, eu ia lá e tinha a minha coisa; eu queria sair, eu não dependia de ninguém para me levar para sair, eu ia lá e saía. Então isso deixava eles loucos, porque eles achavam que eu não dependia deles para nada e poderia largar eles porque eu não dependia. Então assim, essas coisas assim sempre, eu nunca deixei de agir da forma que eu queria porque eu poderia ser taxada de qualquer coisa, e fui taxada. Então quando eu comecei a fazer drag, nunca, não passou pela minha cabeça que ser uma mulher fazendo drag era uma questão. Eu senti vontade de me montar, fui lá, me monte e saí. E, graças a deus, aqui no Rio de Janeiro, a gente tem um meio drag que é bastante receptivo, não só com mulheres mas como todo mundo que começa a se montar, eu vejo assim, a gente é bem receptivo para pessoas novas. E eu digo assim, a galera nova. A galera antiga, que a gente tem duas linhas né, a galera antiga e a galera nova, que também já não é mais tão nova assim, mas é meio que é... Então a gente vê que existem duas vertentes. Até tem uma galera que permeia entre os dois caminhos, mas a gente meio que não coexiste. Existem

festas, até... A galera antiga ainda tem um pouco mais de restrição em relação a mulheres, eu vejo isso, mas nunca me trataram mal, pelo contrário. A Suzy Brasil sempre me recebeu muito bem, eu amo loucamente, e é uma drag da antiga, mas você vê que mais a galera da antiga que trabalha junto com a galera nova, porque entendeu que drag é arte, e arte, ela se reinventa. Então você não pode ficar parado em pensamentos para trás, assim, senão você não trabalha, você morre, você vai ficar preso lá atrás. Então você precisa ter a mentalidade aberta para abraçar as coisas que são novas. Então quando eu comecei, pra mim, eu fui super bem recebida, então pra mim não era uma questão. A questão começou a surgir depois que eu comecei a trabalhar de fato, depois que eu comecei a ser um nome referencial para algumas coisas. E aí a briga não vem da minha vivência aqui, tipo, eu não nunca tive ninguém assim numa boate que... Mas, na internet, as pessoas, porque nas boates as pessoas não vão virar na sua cara e te dizer, elas vão falar falar isso protegidas atrás de uma tela de computador, porque elas sabem que atrás de uma tela de computador, elas acham que elas estão protegidas atrás de um anonimato, atrás de uma coisa que elas vão poder falar o que elas querem e não vão sofrer consequências. Então, o preconceito maior eu comecei a sentir depois que eu comecei a trabalhar mais, a ser profissional mesmo, e o meu nome começou a brotar na internet, sabe? A primeira vez que eu senti de fato, assim, no meu dia-a-dia o preconceito em relação a drag foi numa festa “Priscilla”, que foi com a Alyssa Edwards, que ela chamou todas as drags ao palco, e aí todo mundo saiu entrando e o segurança da boate me bloqueou. Ele falou assim: “Não, você não.” Eu falei: “como assim eu não? Eu sou drag!”. Ele “Não, você não. Você é mulher.” Aí eu falei: “Pera aí!” Aí o produtor da festa me viu sendo barrada e falou: “Não, ela vai entrar porque ela é drag.”. Então o preconceito geralmente vem de pessoas de fora, de pessoas que não vivem, de pessoas que só conhecem drag ou...

T: De RuPaul

P: De Rupaul, de pessoas que nunca botaram o pé numa boate, e pessoas que não conhecem mesmo. Aí depois disso os seguranças, eles meio que já ficaram ligados, que aí eu já performei na festa, eles meio que já passaram a me conhecer, mas até então pra eles mulher não era drag. Então essa foi a primeira vez que eu senti o baque assim de ser bloqueada por ser mulher. Depois teve um concurso drag, de drags, que era de uma loja de perucas francesa.

T: Eu ia te perguntar desse caso, porque eu me lembro que você participou e teve...

P: É até aquela peruca ali ó, que eu ganhei.

T: Qual delas?

P: A branca. Do meio, aquela pequenininha.

T: Ah tá, estou vendo, estou vendo.

P: Foi um concurso de uma, um concurso drag de uma loja de perucas francesa, aberta pra drags do mundo todo, e aí era tipo assim, você mandava sua foto, o *out* e o *indrag*, e a foto mais curtida ganhava a peruca. Era simples. E eles mandavam para o mundo todo, então era aberto para todo mundo. E aí eu me inscrevi. Falei: “Ah, vou me inscrever!”. E aí eu tomei a dianteira e fiquei no primeiro lugar logo de cara. Só que o concurso, ele tinha assim uma duração enorme, era, tipo, quase dois meses, sabe? E eu falei: “cara, eu tenho outros trabalhos para divulgar, eu não vou ficar enchendo o saco das pessoas por causa de uma peruca”, porque eu tenho respeito pelas pessoas que me seguem, sabe? Não vou encher o saco das pessoas por causa disso. Quando chegar mais para o final, aí eu dou um gás. Se tiver que ganhar, ganhei, se não tiver que ganhar, não ganhei. Aí eu já tinha esquecido do concurso, aí uma amiga minha de São Paulo, ela veio, que é a Lucy Fur, que também se montava, ela até parou agora, que é drag lá de São Paulo, ela virou e falou assim: “Ah! E aquele concurso e tal-não-sei-o-que?”. Eu falei: “Ah! Deixei para lá. Eu acho que ele termina agora essa semana. Acho que falta uma semana. Eu vi que tem uma pessoa que está na minha frente. Já está, sei lá, quinhentas(500) curtidas na minha frente, eu nem vou, estou nem... acho que nem vou conseguir chegar até lá.” Ela falou: “Ah! eu vou pedir para compartilhar lá na página” – era uma página dessas de drag – “e ver se as pessoas curtem”. Daí as pessoas come Aí eu peguei e falei “Ah! Então vou aproveitar e vou anunciar.” E falei “Ah gente, então, tem um concurso e tal, já está na reta final, vamos lá e curte para mim.” E aí eu comecei a chegar perto do primeiro lugar. Aí começou a ficar doido. Começou a ficar doido. Era uma drag lá de, da Espanha, e ele começou a ficar doido, começou a querer me desclassificar do concurso, dizer que eu era mulher, que não era nem para eu estar participando do concurso. E aí os amigos dele começaram a vir me atacar, dizendo que eu não era drag, que eu era mulher, que eu não era drag, que eu era mulher, que eu não podia estar no concurso, que não-sei-que-não-sei-o-que-lá, que eu estava roubando, porque não era possível que eu tivesse conseguindo tantas curtidas assim de uma hora para a outra, e aí começaram a me acusar de: primeiro que não poderia estar no concurso porque era mulher; depois que eu não podia, que eu estava fraudando

o concurso, que não era possível estar conseguindo tantas curtidas. Daí a coisa virou um evento, tipo, virou uma guerra, quase teve que ter intervenção da ONU porque, foi uma gritaria, uma briga com todas as línguas possíveis, do francês ao espanhol, passando pelo inglês. Tinha gente xingando em alemão. Foi uma briga, tipo assim, em todas as mídias. Aí passou do Instagram para o Facebook, aí virou uma confusão. Eu sei que eu passei ele, eu venci com mil (1000) curtidas à frente, mil e poucas curtidas à frente. Aí quando foi no domingo, depois de ele me xingar muito, aí ele e todos os amigos, aí ele veio lá quando fechou e falou “Ah! Parabéns! Eu sou muito seu fã. Seu trabalho é incrível.” Eu falei: “Ah! Tá bom, querido!”. Daí eu peguei e ganhei, escolhi a peruca e está ali a peruca. Ela nem cabe na minha cabeça mas eu guardo ela como troféu.

T: Pois é. E uma das coisas que eu me lembro dessa, desse caso, porque, enfim, eu votei então estou lembrada disso porque, enfim, foi bem curioso mesmo que uma das coisas que o pessoal escrevia muito nesses comentários era que “ah, você não pode porque você é mulher porque para você é mais fácil fazer drag porque você já é mulher”. E o que você acha disso?

P: Eu acho que é um absurdo por tantos fatos assim porque... Eu só digo que: o dia que um homem tiver que se montar menstruado, com cólica menstrual, vem me dizer que é mais fácil. Não é! É o ó. Então assim, cada lado tem as suas dificuldades. Tipo assim, você parte do princípio que para uma mulher é mais fácil porque você entende que a mulher ela é sempre feminina, e que a mulher sabe sempre se maquiar, que a mulher ela sempre está acostumada a andar de salto, sendo que, tipo, 90% das minhas amigas não sabe nem se maquiar nem andar de salto. Então assim, você está impondo uma feminilidade na mulher que não existe, sabe? Tipo, e a outra coisa que tipo, por que é mais fácil? A mulher ela tem que fazer todas as coisas que o homem faz: tirando a barba e ter que “trucar” o pinto, a mulher ela faz todas as coisas, e a gente não lida com pinto mas a gente lida com outras coisas, sabe? Eu já tive que me montar e trabalhar menstruada assim, tipo com cólica que, tipo, parecia que estava sendo esfaqueada, sabe, no meu útero. E é uma dor, assim, que você não tem como falar “ah, não tem como fazer porque estou menstruada”. Você tem que ir lá e você tem que fazer. E você tem um figurino que você fez enquanto você não estava inchada e no dia que você vai vestir não cabe em você, porque você simplesmente está menstruada e você inchou dois números. E você vai ter que se enfiar toda dolorida, doendo, dentro daquela roupa minúscula, entendeu? E eu, por

exemplo, eu tenho ovário policístico e endometriose, então quando a minha menstruação vem, ela vem assim do tipo que eu fico de cama, sabe? Eu sinto dores, assim, que eu tenho que tomar remédios fortes para a dor. Eu sinto enjojo, eu sinto ânsia de vômito, tipo, isso não é fácil, da mesma forma como você esconder suas bolas não é fácil. E não é uma obrigação. Nem tirar a barba, nem esconder as bolas. Tanto é que tem drags que não fazem a barba e não escondem as bolas. Então, tipo, não é fácil para nenhum lado, sabe? Fazer drag é difícil para todos os lados. Você vai estar desconfortável o tempo todo. Então, assim, não é mais fácil para a mulher fazer drag, é tão difícil quanto, sabe? E aí você também impõe que toda drag é feminina. Nem toda drag, ela performa feminilidade. Tem drags que não são nem humanas. Então, assim, é de uma ignorância, é de você colocar a drag dentro de uma caixa, dentro de um padrão, que é muito limitado, quando drag é arte, arte ela não se limita, entendeu? É isso, assim, que eu penso.

T: Sensacional. Mas por que a escolha, assim, o personagem, a sua persona, você chama de persona, geralmente quando, das performances que eu vi você fazer, é um personagem feminino, né. É uma persona feminina. Por que?

P: Porque, assim, a minha drag sou eu. Eu não criei um personagem. E é feminino até um determinado ponto, porque a minha maquiagem não é uma maquiagem feminina. Se você for olhar a minha maquiagem, ela é uma maquiagem que ela, você não vê uma mulher na rua com aquela maquiagem.

T: É. É cara de drag, é cara de drag.

P: Então, assim, então mas é que a gente... as drags, elas tem as personagens, e tem as drags persona. Eu sou persona. A personagem é aquela que, por exemplo, eu tenho uma amiga que é a Maldita. A Maldita é uma drag maldita, que é rancorosa, a gente tem as drags que são mais velhas, eu tenho uma amiga, Verona, que é uma drag que já morreu e voltou, é espírito, drags que é o demônio, vindo do inferno, e tem as drags que são persona, eu não criei uma história para a minha drag; a história da minha drag é a história que eu vivo, tipo assim, a história da minha drag é a história que um dia eu performei na festa da Adore Delano, fiquei trancada no banheiro durante uma hora, porque não podia entrar no camarim. Essa é a história da minha drag, sabe? A história da minha drag foi um dia eu fui performar lá em Porto Alegre, fiquei bêbada e muito louca, batendo cabelo com uma peruca que não dava. E no dia seguinte estava eu lá, tentando não vomitar na pia batismal do batizado da minha afilhada. Então essa é a história da minha drag, não foi uma história que eu criei. Ela

não é uma personagem, ela é persona. Então a minha drag sou eu, eu sou mulher. Eu só posso falar sobre o que eu sou. Tanto, até, que as minhas performances, elas geralmente elas envolvem muito sobre essa coisa de que é para mim, assim, a minha vivência de mulher. Então, eu digo que a drag, ela faz o seguinte, ela não cria uma coisa que você não é, por mais que você seja personagem. A drag, ela vai sempre mostrar você da forma exatamente como você é, porque as vezes você tem uma drag que é muito podre, aí ela fala assim: “Não, é minha personagem que é podre”. Não, ela é podre! Ela só está se escondendo atrás da máscara da drag para fazer o que ela, porque a drag, ela te dá uma liberdade social de ser de uma forma muito verdadeira, porque você tem licença social, porque as pessoas, elas vão olhar e vão falar “Não é a pessoa, é a drag”, mas é a pessoa, sabe? A gente vai crescendo, isso é uma coisa que eu sempre falo, porque a gente vai crescendo, vai sendo criado, e vai incorporando na gente vários padrões sociais, porque a gente vive em sociedade, a gente precisa se enquadrar de uma forma. Quando a gente faz drag, a gente quebra tudo isso. E aí você pode ser de uma forma muito verdadeira, sem esses padrões sociais que você vem carregando, porque tudo que você fizer, você tem uma liberdade social para ser. Então você tem pessoas que são muito tímidas na sua vida cotidiana, mas que a drag é super falante, super espalhafatosa, porque aquela pessoa, aquele ser humano por baixo daquela drag, ele sempre teve vontade de fazer aquelas coisas, mas ele nunca teve coragem, porque ele tem, tinha medo do que ele poderia sofrer, socialmente falando. Porque a pessoa quando ela muito tímida, ela tem muito medo do rechaço social: o que que as pessoas vão pensar de mim? O que que vai acontecer comigo se eu fizer isso e for uma vergonha. Mas aí quando você é drag, você não é você, né? Então você pode fazer as coisas que você gostaria, que você sempre teve vontade de fazer e você não tem essa coragem. Então é o que eu digo, você veste a máscara para se desmascarar. Você se fantasia para, você se veste para se despir. Porque quando você é drag, você está sendo você de uma forma muito verdadeira; de uma forma que você faria se não tivesse o medo de sofrer as consequências sociais, que a gente vem sendo impelidos desde, tipo assim: “você não pode botar o peito para fora porque você é mulher, as pessoas não podem ver o seu peito”, mas quando é drag, eu boto o peito para fora o tempo todo, porque é minha drag, aí as pessoas falam “olha lá, que drag incrível, botando o peito para fora”. Mas eu, como mulher, se eu for ali e botar o meu peito para fora, vocês vão me prender, entendeu? Essas coisas, assim, tipo, que eu digo que, por

isso que a minha drag, ela é uma mulher, porque eu sou uma mulher, ela não é um personagem, ela é um, ela é como se fosse eu mesma, vista de uma forma aberta, verdadeira, enorme.

T: Não é nem tanto pela transformação do, da pessoa. E referências, assim, que você tem de referências?

P: Ah! Minhas referências, eu digo, assim, que as minhas referências, eu tenho referências de todos os lados. Tudo. Elke Maravilha, Björk, Lady Gaga. Lady Gaga nem tanto, porque eu já sou mais velha – esses dias até brincaram de: ‘ah, eu sempre quis saber se você é *team* Beyonce ou *team* Lady Gaga, e eu falo assim: ‘cara, eu não tenho uma escolha. Eu não acho, porque, eu gosto de todas. Não é porque eu gosto de uma que eu desgosto de outra.

T: Eu nunca entendi isso.

P: É. Eu nunca entendi essa competição de divas pop. Enfim. Mas a Beyonce, ela fala mais por mim porque quando eu era adolescente foi quando a Beyonce surgiu, entendeu? Quando a Lady Gaga surgiu eu já era adulta, então essa cultura não... apesar de que se um dia eu tivesse que escolher uma coisa, eu provavelmente escolheria Lady Gaga, porque eu acho que a música dela hoje em dia fala mais comigo do que as músicas da Beyonce, entendeu? Mas enfim, eu não tenho essa escolha, mas eu tenho assim, são referências para mim, mulheres...

T: Esteticamente...

P: Esteticamente falando. Eu bebo muito assim, de alta costura. Eu gosto muito de ver, assim, uma espécie, assim, moda arquitetônica, moda avant-garde. Eu gosto muito, assim, sabe, de coisas que fogem o lugar-comum, eu gosto muito. Mas, geralmente, assim, ‘qual foi a sua inspiração para esse *look*?’. Geralmente é desespero histórico. Eu preciso fazer uma coisa, eu tenho pouco tempo, e eu vou fazer o melhor que eu posso nesse pouco tempo: é desespero.

T: Sincero.

P: É. É tipo assim, o *look* do *photoshoot*, eu já estou planejando esse *look* há muitos meses, muitos meses planejando o *look* para esse *photoshoot*, já passou por todas as coisas: ele foi de Alexander McQueen até, tipo, o estilista chinês não conhecido, passando por, sabe? Aí eu vou chegar, aí tá, estou fazendo. Daqui a pouco a pouco a minha máquina quebrou. E aí o que eu fiz? Eu tive que mudar tudo que eu estava planejando no meio do *look*, eu tive que recortar e refazer tudo, e ao invés de ser colado, eu tive que mudar toda a minha estética, tudo que eu tinha planejado. Por

isso que eu digo: 'qual é a minha inspiração?' É desespero histórico, e é isso que funciona.

T: É o prazo.

P: É o prazo! Eu preciso cumprir. Porque, assim, quando você não faz drag como um trabalho, você tem esse tempo, porque você não tem os prazos, então planejando o look, você tem esse tempo. Quando você faz drag para trabalho, eu praticamente trabalho todos os dias da semana, todos os dias. Porque, por exemplo, hoje eu não tenho performance, hoje eu não tenho festa, mas eu estou aqui com você. Amanhã eu também não, mas amanhã eu estou gravando vídeo para a Colormake, entendeu? Então, assim, todo dia eu estou com uma coisa, no dia que eu não estou dando aula eu estou fazendo alguma coisa, estou gravando um vídeo, estou gravando um filme, estou tirando foto, e é tudo trabalho, sabe?

T: É, virou para você (...)

P: Então acaba que você não tem esse tempo de ficar planejando. É correria, o que que eu vou fazer? Mas, assim, sempre levando em consideração as minhas raízes estéticas, que é

T: Essas coisas que você falou.

P: É.

T: Entendi. Passando para uma coisa mais física, mais prática da coisa, mais de maquiagem, de roupa. O que muda quando você vai se montar, tipo, desde o começo, quando você falou "ah! Nem estava montada!" até hoje, né, aquela produção toda, horas e horas. O que você tem que fazer em você?

P: A primeira coisa é ter forças para levantar do sofá. Porque eu fico assim: "ah meu deus, eu tenho que me montar, faltam duas horas para eu começar a me montar. Falta meia hora para eu começar a me montar. Faltam dez minutos para eu começar a me montar. Ah! Já passou meia hora desde a hora que eu deveria ter começado, eu tenho que começar a me montar!" Porque é trabalhoso, né? Então, assim, eu preciso colocar a lente, quando eu não coloco a lente eu não sinto que estou montada, é uma coisa, eu tenho dependência da lente mesmo, assim, porque é a coisa que eu sinto que mais muda em mim, né? Porque tem uma coisa que diz que o japonês, ele acha que a essência do ser humano vem no olhar, por isso que os desenhos japoneses tem os olhos tão grandes, porque a expressão é nos olhos. E o que muda em mim é, tipo, a primeira coisa que eu preciso mudar para poder me desligar de quem eu sou é o meu olhar, são os meus olhos, então eu preciso colocar

a lente. E eu tenho muita dificuldade de colocar lente. Então é, tipo, dez minutos sofrendo, chorando. Então coloca a lente, aí eu vou, cubro a minha sobrancelha, porque também se eu não cobrir sobrancelha eu não tenho muito espaço para poder desenhar o que eu quero. Porque a primeira coisa que eu preciso fazer é apagar quem eu sou para começar a fazer outra coisa. Então eu cubro a sobrancelha para zerar o meu rosto, porque a sobrancelha ela dá muito a expressão no olhar e no rosto, então eu preciso apagar para começar do zero. E aí, depois que eu apaguei meu rosto, aí começa: faço o olho; aí preparo a pele; aí eu tento pensar qual que é o, o que que eu quero fazer hoje, uma pessoa com o rosto mais, tipo assim, se eu estou fazendo o meu próprio rosto, eu já tenho o meu contorno, foi o contorno... por isso que eu digo que drag é vivência, que, até então, eu tinha, até 2015, eu tinha uma maquiagem mas eu só encontrei o meu rosto de 2015 para cá, quando eu comecei a viver e fui começando a entender, na vida, o que funcionava de maquiagem para mim. Por isso que eu digo nas minhas aulas, eu estou ensinando a técnica e o que vai te dar uma boa maquiagem, que você vai encontrar o seu rosto como drag é a prática e a vivência, né? E aí, se eu estou fazendo o meu rosto de drag, eu já sei como vai ser o meu contorno de nariz e o meu contorno de rosto. Se eu estou tentando reproduzir alguma coisa diferente, aí eu vou ter que pensar, tipo, é mais “anguloso”, qual tipo de contorno que eu usaria para eu poder chegar nesse objetivo, e aí eu vou buscando os ângulos na maquiagem, daí dá mais trabalho. Se é uma maquiagem, tipo, eu digo que a gente sempre tem uma maquiagem, toda drag tem uma maquiagem que é a maquiagem do dia-a-dia, aquela maquiagem que você faz e que você não precisa pensar muito, então você faz quando você está com pressa e você precisa fazer uma maquiagem em meia hora, para sair. Mas quando eu não tenho tempo, quando eu tenho tempo, aí eu gosto de fazer, aí eu vou demorar duas, três horas fazendo uma maquiagem. Porque a maquiagem, para mim, ela é terapêutica, né? Eu comecei com a maquiagem como uma terapia, porque eu trabalhava em obra, eu sou arquiteta, eu trabalhava em obra, e eu estava infeliz.

T: Arquiteta, atriz, drag, maquiadora... O que você não é?

P: Na verdade o que aconteceu foi o seguinte: eu trabalho com obra desde os dezesseis anos, só que nunca foi uma coisa assim, eu sempre tive um lado artístico muito forte, só que eu sempre gostei muito também de trabalhar com obra. Só que chegou um determinado momento que a obra começou a me consumir de uma forma que eu estava ficando muito infeliz. Então eu sempre buscava coisas que eu pudesse

fazer fora da obra que me trouxesse alguma satisfação pessoal. E aí, em 2011, de 2010 para 2011, eu tive um problema com um ex-namorado meu que me sacaneou, porque eu sempre viajava para Trancoso, para passar o réveillon lá. Aí ele me deu uma sacaneada, e ele comprou passa-, ele alugou uma casa lá para passar o réveillon em Trancoso. Eu tinha terminado com ele. E aí eu falei: “não posso ir para Trancoso, porque eu terminei com ele” não foi um término tranquilo, foi uma merda do caralho, muito escroto. E aí eu falei: “Não vou para Trancoso para poder encontrar com ele”. Porque Trancoso é desse tamanho, eu vou encontrar com ele certamente. Eu não quero, não quero começar meu ano com essa energia. E aí, esse dinheiro da viagem eu falei: ‘vou fazer alguma coisa que eu tenho vontade de fazer há muito tempo’ que é o teatro. Aí peguei, fui fazer, peguei o dinheiro e fiz um curso livre. Aí gostei. Aí fiz outro curso livre. Aí gostei e fui fazer teatro, né? Então sempre, assim tipo, essas coisas que eu fiz sempre foi uma forma de tentar me tirar um pouco dessa coisa de obra. Só que eu estava muito feliz, aí eu busquei na maquiagem, dessa última vez, uma forma de me distrair, uma forma de deixar um pouco mais feliz. Então o que me fazia levantar da cama para ir trabalhar era a possibilidade de fazer uma maquiagem incrível para ir trabalhar na obra. Então eu ia trabalhar na obra com delineador de glitter, eu ia trabalhar na obra com um esfumado incrível, ((inaudível)) maravilhoso, entendeu? E eu ia trabalhar na obra assim. E era o que me fazia levantar da cama: levantar para me maquiar para poder ir trabalhar. Então, assim, a maquiagem, ela sempre foi uma coisa terapêutica para mim, e na drag também. Então, assim, as vezes eu estou muito triste, muito cansada, me sentindo doente, eu sento aqui, aí começo, aí vou testar, assim, uma coisa que eu vi em algum lugar e que me inspirou de alguma forma e eu vou tentar fazer. Então, assim, o tempo de montagem meio que depende: eu já me montei em quinze minutos, porque eu estava desesperada, e já me montei em cinco horas, porque eu tinha esse tempo de teste, de curtir a maquiagem mesmo. E fisicamente é dor, né? Já. Na verdade, quando eu comecei a me montar, você tenta se enquadrar nos padrões que as pessoas dizem que drag tem que ser. Então, tipo assim, “Ah! Você tem que usar salto alto!” “Você tem que usar unha postiça!”, “A drag, se ela não tiver a cintura fininha, espartilhada, não é drag!”.

T: A do espartilho é uma que também sempre me pega.

P: Então, eu, no início, eu tentava me enquadrar nesses padrões, do que as pessoas diziam que uma drag tinha que ter. E aí você vai entendendo com o tempo que isso

é besteira. Eu até brinco hoje em dia que eu falo: “Só drag iniciante usa unha postiça”. Não que não tenha drags experientes que não usem! Tem umas que fazem questão! Mas você vê que uma drag que se monta todos os dias, tipo Ravena Creole, Ravena Creole fica duas semanas se montando todos os dias em trabalho. Você acha que ela tem tempo de ficar colando unha postiça?!

T: Deixa crescer, né? Mais fácil.

P: Ela só pinta a unha dela! E é isso, tipo, a gente não tem tempo. Você vai simplificando a sua vida, sabe? No início eu lembro que eu tirava espartilho, eu já fiquei com hematomas roxos e feridas na costela por causa do espartilho. Hoje em dia eu faço isso? Nem fodendo! Nem fodendo. Não que eu não use roupas desconfortáveis, porque eu uso muitas roupas desconfortáveis, porque o meu estilo de drag é uma drag de ar, de estética mais avant-garde, mais... mais, assim, né, alta costura arquitetônica. Então você não tem como usar uma cabeça de canudo e dizer que está confortável! A minha saia de canudo e dizer que eu estou confortável! Mas eu também não me aperto mais, sabe? Para mim, para entrar numa estética que disseram que eu deveria entrar.

T: Quando você começou você usava espartilho também?

P: Eu usava espartilho! Tenho ali, ó, meu espartilho. Hoje em dia eu até posso usar espartilho, mas ele não vai estar entrando na minha costela, sabe? Você vai ver que o meu espartilho está bem frouxinho. É uma peça de roupa, ele não é uma peça de tortura.

T: E é engraçado que é uma coisa que poderiam falar, que “ah, mas precisa quando você é homem, porque não tem cintura.” Mas quem disse, né?

P: Pois é. Então, assim, eu fui me livrando dessas coisas todas, então hoje em dia eu sinto que a minha roupa é um pouco mais confortável, mas eu, o meu desconforto ele vem mais pela minha exigência de identidade visual do que por pressão de me enquadrar dentro de uma estética que as pessoas acham que toda drag deveria ser, sabe? Eu vejo isso assim. Mas, por exemplo, eu tenho uma roupa ali que é um figurino que é da Medusa. A Medusa é uma montagem que eu fiz baseada numa escultura de um artista plástico chamado Ney Sayão, que é uma medusa com cabeça de falos.

T: Estou ligada da foto.

P: Né? E aí, quando eu vi essa escultura, ela mexeu muito comigo, porque ela fala sobre o mito da medusa e de como a vítima ela acaba sempre sendo punida por ser

vítima, porque a medusa era uma ninfa, estava lá vivendo a sua vida, e ela foi estuprada e depois ela foi punida por ter sido estuprada, e ela mostra muito do papel da mulher na sociedade, que ela está sempre sendo punida por estar sendo vítima da violência. E aí eu falei: “preciso fazer uma montagem disso, eu preciso fazer uma montagem disso”. E aí eu fiz. Quando eu falei que ia fazer uma cabeça de piroca as pessoas acharam que eu era doida. Aí eu fiz. Só que a roupa da medusa é aquela cabeça com as pirocas douradas, mas a roupa dela é um vestido transparente de micro tule com poucos brilhos, porque era pra mostrar essa coisa da fragilidade, né. Então é uma roupa que eu não posso usar calcinha, porque todas as calcinhas que eu tentei colocar marcava e ficava muito feio. E aí o que eu faço, eu colo. Eu colo, com fita Micropore, a boceta.

T: Você faz tipo um tapassexo de Micropore.

P: Faço um tapassexo de Micropore. Só que aquilo ali significa que a noite inteira eu não vou poder beber nada, para não ir ao banheiro. E que na hora que eu vou arrancar aquilo é uma dor do caralho.

T: Aí depois o pessoal fala que aquendar é pior.

P: É uma dor do caralho! E aí tem a questão, tipo assim, né, depois que você tira aquilo, não tem nada que tire aquela cola, porque fica resíduo de cola. Então fica uns dois, três dias com a boceta meio colando, sacou? Quando eu vou fazer xixi, eu não sacudo nada, eu tenho que me secar, então, tipo assim, o papel higiênico colando ali. Desgraça.

T: Que inferno!

P: Então é isso, assim, tem essas dificuldades, mas são dificuldades que fui eu mesma coloquei para mim, sabe? Já colei meu peito, já me queimei no peito, sabe? Eu estou até com uma marca no peito até hoje de uma ferida, que eu fiquei com o peito em carne viva, porque eu estava com um look que há decote profundo, grande, e eu colei o peito para ele ficar aqui assim em cima para eu poder maquiar ele. Só que eu fiquei montada nesse dia, assim, de dez horas da manhã até cinco horas da manhã, que eu comecei a me montar as dez, porque o evento era cedo, daí desse evento a gente foi para uma festa. E aí eu sei que quando eu tirei a fita, meu peito estava em carne viva, porque a fita, sei lá, deu alguma coisa, porque eu não usei Micropore, eu usei fita, essa fita aqui, que é uma fita de colar caixa, né? Na hora que eu fui arrancar, meu peito estava em carne viva, assim, e ficou a marca até hoje. Já fiquei careca quatro vezes, arrancando a fita do cabelo.

T: Você não corta o cabelo, então?

P: Então, tipo assim, para prender peruca a gente prende a fita na cabeça com grampo, né? Então na hora, teve umas quatro vezes que aconteceu isso, que não tinha fita isolante em casa, e eu arranquei com, e eu coleí com fita esparadrapo.

T: E não sai de jeito nenhum.

P: E aí na hora que eu fui tirar fez uma depilação na minha cabeça. Na primeira vez eu não sabia, porque eu cheguei bêbada, então eu arranquei e só fui perceber no dia seguinte que eu estava careca.

T: Tinha uma falha.

P: Não, fica um buraco, assim, na minha cabeça como se fosse uma moeda, do tamanho de uma moeda de dez centavos, careca. Mas carequinha, igual careca assim, sabe, de pessoa careca? Aquela coisa brilhante, lisinha. Aí eu achei que eu estava com, eu achei que era alopecia, e aí eu fiquei desesperada, chorando pela casa “estou com alopecia, vou ficar toda careca!”. Fui no dermatologista, gastei uma fortuna de remédio. Aí tomei remédio, engordei uns dez quilos porque os remédios eram pesados, tinha tipo aquele antialérgico – qual o nome daquele antialérgico que a gente toma –?

T: Não sei, não tenho alergia.

P: Enfim, tem um remédio que é pesado, pesadão, que você toma e você fica super inchada, e eu tomei durante um mês e meio, até ficar careca da segunda vez. E dessa vez eu estava sóbria e eu vi que fui eu arrancando a fita da cabeça que fiz a depilação. Não era alopecia. E aí eu já tinha tomado o remédio. Fiquei, tipo, muito inchada.

7.5

Termo de consentimento entregue aos entrevistados

Eu, _____,
 portador(a) de registro civil número _____, _____ anos, de
 nacionalidade _____, estado civil _____, profissão
 _____, residente em
 _____, estou
 sendo convidado(a) a participar de pesquisa de mestrado, cujos objetivos e
 justificativas são: observar o uso simbólico de objetos e adereços na representação
 performática do feminino, bem como a materialização das diferenças de gênero, para
 abordar o tema da performatividade de gênero e sua relação com o design.

A minha participação no referido estudo será no sentido de conceder entrevista
 sobre minha atividade artística, as motivações e referências estéticas e adicionais
 relatos pessoais que possam acrescentar ao tema.

Fui alertado(a) de que, da pesquisa a se realizar, posso esperar alguns
 benefícios, tais como: a visibilidade da arte performática na academia e a proliferação
 da discussão de temas relacionados a gênero e sexualidade.

Recebi, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre os possíveis
 desconfortos e riscos decorrentes do estudo. Assim, compreendo que estou me
 sujeitando à exposição de minha atividade artística e à reprodução de minhas
 palavras.

Também fui informado de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar
 meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de que, por
 desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo.

As pesquisadoras envolvidos com o referido projeto são Talita Meier Marques
 Rodrigues e Denise Berruezo Portinari e com elas poderei manter contato pelos
 telefones (21) 99464-6343 e (21) 3527-1596. Durante toda a pesquisa é garantido o
 livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e
 suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da
 minha participação.

Enfim, tendo sido orientado(a) quanto ao teor de todo o aqui mencionado e
 compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre

consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo devo ligar para o Programa de Pós-graduação em Design (021) 3527-1596 ou enviar e-mail para ppgdesign@puc-rio.br.

Rio de Janeiro , _____ de _____ de 2017.

Participante:

Talita Meier Marques Rodrigues

Denise Berruezo Portinari